This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 157 765

YC15D697
YC150557

SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII
EX LIBRIS

S. FREI GIL

SILVA PINTO

S. FREI GIL

(NOTAS HISTORICAS)

UNIV. OF CALIFORNIA

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1903

BX4700
V355
cop. 2

Officinas typographica e de encadernação, movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
LISBOA

— Mas se incantada a infanta, diz D. Paio,
C'o moiro está, que vale guerra e sangue
Para a cobrar? — A tudo se ha provido,
Nuno volveu: com el-rei vem quem sabe,
E tudo pode em coizas taes d'incantos.
Certo que nunca tereis ouvido
Frei Gil de Santarem...
— Frei Gil! Oh! valha-nos
Santiago! á uma os cavalleiros dizem:
Traz comsigo esse frade dom Affonso.

*

— E porque não? dom Nuno respondia:
Sim traz: mas não sabeis quanto mudado
Está Frei Gil. Do diabo, a quem vendeu
A alma pelo poder da brucharia,
O escripto cobrou que lhe fizera
De obrigação, lavrado com seu sangue.
E agora o diabo, a quem servira escravo,
Como a senhor o serve. e é maravilha
Ouvir casos e coizas que se hão feito
Por sua intervenção. Peça mais fina
Nunca santo a pregou a fino diabo
Do que o padre Frei Gil; fal-o ir ao côro
Rezar c'os frades, ouvir missa inteira,
E confessar-se, até.
— Mas quem vê isso?
— Ninguem senão Frei Gil: boa era essa!
Se o vira alguem forte milagre fôra!

(GARRETT. *Dona Branca*, canto VIII).

766005

A

Narciso de Lacerda

1903.

SILVA PINTO.

UNIV. OF CALIFORNIA

I

Publicara eu os *Santos Portuguezes*. N'esse livro deu entrada S. Frei Gil, por condescendencia havida para com outros *santos* não canonizados. Menos de vinte linhas obteve o *Fausto Portuguez*, e d'ahi o dar-se o caso de eu haver sido interpellado, á conta de menos consideração por aquelle filho de Vouzella. Não disse eu aos interpellantes o que devera deprehender-se do Prefacio do meu livro: — que os meritos especiaes de S. Frei Gil, ou, melhor, as suas aventuras mal se subordinavam ao porque da publicação.

Vieram a lume os *Santos Portuguezes*

para o fim de embargar explorações abertas na *santidade* d'aquelles heroes, demonstrando-se que as virtudes da caridade, do desinteresse e da humildade constituiram apanagio de todos, *antes que os santificasse a Egreja*. Não acceitei contestações, nem embargos ao sentimento carinhoso que eu professo por aquelle filho do meu espirito. Deriva-se, talvez, esta minha especial sympathia do facto de o meu livro haver elucidado conceituados especialistas em agiologia: afora o popular Santo Antonio, de mais ninguem se *recordavam*, a não ser, algum d'elles, de S. João de Deus, da aragoneza Santa Izabel e do navarro S. Francisco Xavier — a quem julgavam nascido em Portugal. Sabiam pouco, e modestamente o confessaram — os especialistas.

*

* *

As observações relativas a S Frei Gil

— e ainda outro facto, importante, — (1)

(1) Nas *Viagens na minha terra*, diz Garrett :

«Algures (2) lhe chamei já (a San Frei Gil) o nosso Douctor Fausto ; e é com effeito Não lhe falta senão o seu Gœthe.

«*Vixere fortes ante Agamemnona multi.*

«Houve fortes homens antes de Agammenão, e fortes bruxos antes e depois do Douctor Fausto. Mas sem Homero, ou Gœthe, é que não se chega á fama e reputação que alcançaram aquelles senhores. Nós precisamos de quem nos conte as admiraveis luctas —ora comicas, ora tremendas—do nosso Frei Gil de Santarem com o diabo. O que eu fiz na *Dona Branca* é pouco e mal esboçado á pressa. O grande mago luzitano não apparece alli senão episodicamente, e é necessario que appareça como protogonista de uma grande acção, pintado em corpo inteiro, na primeira luz, em toda a luz do quadro.

«Então o seu ardente e anciado desejo de saber, os seus vastos estudos, os reconditos mysterios da natureza, que descobriu até penetrar no mundo invisivel — a sêde de oiro e de prazer e de poder que o perseguia e o fez cair nas garras do espirito maligno — o fastio e a saciedade que o desencantaram depois — o seu arrependimento emfim, e a regeneração da sua alma pela penitencia, pela oração e pelo desprezo da vã sciencia humana — então essas variadas phases de uma existencia tão extraordinaria, tão poetica, devem mostrar-se como ainda não foram vistas, porque ainda não olhou para ella ninguem com os olhos de grande moralista e de grande poeta que são precisos para as observar e entender.

(2) Na *Dona Branca*.

levaram-me a prometter um trabalho especial ácerca d'este varão, e assim o communiquei a camaradas na imprensa diaria. D'aqui se originou dar o jornal *Novidades*, em meiados de maio de 1897, a noticia de em grande adiantamento ir o meu livro, — e resultaram de tal noticia as seguintes cartas, publicadas na alludida folha:

«*Meu caro amigo.*— É certo, como v. diz, que o meu trabalho ácerca de S. Frei Gil vae adiantado — em apontamentos. Acaba, porém, de informar-me Eduardo Garrido de que, em Paris, trabalha activamente Eça de Queiroz n'uma chronica e n'um drama, extrahidos d'aquelle assumpto, e, n'estas circumstancias, eu não hesito um momento em renunciar aos meus preparativos. Devo áquelle eminente camarada esta especial consideração.

De v. etc.

Amigo e collega,

22—5—97. *Silva Pinto.*»

Paris, 29 de maio 1897.

«Meu caro collega.—Leio nas *Novidades* a sua carta tão generosa e de tão bella confraternidade, renunciando á continuação do seu trabalho sobre S. Frei Gil. E' certo que eu comecei um grosso livro

sobre esse nosso santo. Mas, ha dois annos que no capitulo 3.º ou 4.º, o moço D. Gil, indo a caminho de Toledo, ficou parado, estendido na relva, entre grandes arvores, á beira d'um rio claro, a conversar com o senhor de Astorga, que (aqui entre nós) é o diabo... E dois annos vão passados e ainda o illudido cavalleiro se não levantou da relva. Continuará elle jámais a sua jornada para Toledo? Não sei. Outros estudos, outros livros me teem chamado — e até outros santos, que me reteem pela sua santidade mais dôce e mais simples. Não desista, pois, o meu amigo do seu trabalho, em consideração pela prioridade do meu, tão incerto. Além d'isso, supponho que o seu seria o S. Frei Gil historico. O meu era o santo lendario, que eu abandonaria, apenas elle penetrasse no socego e nas realidades do seu convento de Santarem. E de resto, á sombra de tão grande santo cabem bem dois peccadores como nós.

Fico em todo o caso muito reconhecido á sua excellente delicadeza, e peço me creia, com toda a sinceridade,

Seu muito dedicado

Eça de Queiroz»

*

* *

Esta carta do eminente escriptor constitue, para mim, — não menos que as palavras de Garrett — uma intimação. Não serei, é claro, o Gœthe d'aquelle Fausto; apenas buscarei habilitar a maio-

ria dos leitores a aquilatar as demasias das reclamações de Garrett, pela averiguação de que importa ao Frei Gil historico. Pois que a phantasia é excluida do trabalho, só poderei dizer do que está escripto; mas sinto-me animado e impulsionado pelo caso dos *Santos Portuguezes:* tudo escripto e publicado — o que eu lá disse dos meus heroes — e quasi tudo desconhecido pelos proprios especialistas! E d'este modo venho hoje encerrar-me nos dominios despretenciosos do compilador e do expositor.

II

Em Vouzella, bispado de Vizeu, nasceu em 1185 [1] Gil Rodrigues de Valladares, filho de Rui Pires de Valladares, do conselho de el-rei D. Sancho I, seu

---

[1] Cinjo-me, para esta data, ao parecer de Barboza Machado, *Bibliotheca Luzitana*. Na *Historia de S. Domingos*, reformada por Fr. Luiz de Souza, Gil Rodrigues apparece-nos nascido «pelo anno do Senhor de 1190, pouco mais ou menos.» Acontece, porém, que na sua *Historia de Santarem edificada*, o Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos aprezenta-nos sem hesitação o meu heroe, mas nascido em 1185. Barboza Machado escreveu em 1740, o Padre Ignacio da Piedade em 1747 — e Frei Luiz de Souza em 1643: d'ahi a auctoridade provavel dos dois primeiros indicados, fundada em investigações que dispensam o *pouco mais ou menos*, prejudicial á gravidade das conjecturas.

mordomo-mór e alcaide-mór de castello e cidade de Coimbra, e de Thereza Gil, filha do Senhor da Quinta da Cavallaria, e senhora de grandes virtudes e de excellente familia: entre os seus parentes conta-se D. Joanna Dias, senhora da villa de Athouguia e mãe de Nuno Fernandes Cogominho, almirante nos tempos do rei D. Diniz. Teve dois irmãos: Payo Rodrigues e João Rodrigues, e ainda outro que não consta a Fr. Luiz de Souza — que fosse irmão inteiro e que, ao certo, foi Deão da Sé de Lisboa.

Moço, de alto nascimento—ao tempo em que a nobreza justificou a futura phrase *Noblesse oblige,* — de sangue ardente e de claro espirito, Gil Rodrigues consagrou-se de alma e coração ao estudo, e no real convento de Santa Cruz de Coimbra estudou humanidades e medicina, com tanto fervor e aproveitamento que encheu de jubilo os seus e tambem a el-rei. Do contentamento do monarcha teve provas positivas Gil Rodri-

gues, pois que o moço foi a breve trecho favorecido com tres conezias (em Braga, Coimbra e Guarda) e dois priorados (em Santarem e Coruche). Diz Fr. Luiz Cacegas, na sua *Historia de S. Domingos*, ou, por elle, Fr. Luiz de Souza, reformador d'ella — que «soffria o tempo aquellas disformidades, ou pelo pouco rendimento das prebendas, ou por falta de homens, ou porque sempre aos validos sobejam razões para ajuntar nos seus.» E' cruel o remoque ás prosperidades do moço estudioso. Quero-me antes com o sr. Zepherino Brandão, quando este benemerito escriptor nos diz, no seu livro *Monumentos e Lendas de Santarem*, que por seus meritos e não por ter pae alcaide foi Gil Rodrigues mimoseado da Fortuna. Mais adequada ás injustiças da presente época se me afigura a annotação amarga do chronista dominicano. Hoje sim: é corrente que aos validos sobejam razões para *ajuntar* aos seus e que não ha animo régio que se compra-

za no esforço intellectual dos moços, para os adiantar em bens de fortuna: e d'ahi rezulta que, por falta de homens, parecem providos nos altos e rendozos cargos e nas luzidas responsabilidades do mando tantissimos exemplares do homem inferior. Decididamente, foi Gil Rodrigues galardoado com justiça, e valha a grandeza do velho caso como atenuante dos peccados novos!

Diz-nos agora o auctor da *Historia de Santarem edificada*, — o Padre Ignacio da Piedade e Vasconcellos — que o mancebo Gil, ao vêr-se com opulencia na primeira florente idade do seu mundo, rico em tão breve tempo dos bens da fortuna e sem contrariedade de quem lhe podesse atalhar os passos, largou as rédeas aos maus pensamentos, por todas as estradas dos vicios. Consoante o virtuoso conego regular de S. João Evangelista, foi o demonio que, tendo conhecimento da sensualidade do moço, lhe

incutiu na mente o projecto de ir estudar em Paris, já então fóco de libertinagem. Mais moderadamente os dois citados chronistas dominicanos dizem-nos do alludido projecto:—«Viu-se o moço prospero de renda e engenho, e como tinha já tomado o sabor ao gosto que dá o nome e estimação das lettras, parecendo-lhe que se tocasse qualquer Universidade subiria em grandes graus em honra n'ellas: persuadido de pensamento, negoceia licenças e põe-se a caminho, com os olhos em Paris.

Manda a imparcialidade que se não occulte esta nota dos dois chronistas:—«Não falta quem diga que a razão de se applicar ao estudo de medicina fôra com o fim pouco honesto de poder entrar em muitas cazas como medico, onde, como mancebo e nobre, achava tudo cerrado e timido.» Deve ser escorrencia de espirito calumnioso. Não é crivel que no seculo XIII um tal pensamento de lascivia assim excitasse um rapaz, até ao sacrifi-

cio de alguns annos de estudo, para o fim de penetrar em muitas cazas. No poente do immoral seculo XIX supponho que não existe estudante de medicina impulsionado por tão immoraes intenções.

Não quero deixar indecisão no espirito de um leitor prudente. Recorro a Barboza Machado, para o fim de obter o seu juizo, ácerca da rezolução de Gil Rodrigues. Abro a *Bibliotheca Luzitana*, e vejo: — «O verdor dos annos e a opulencia de tantas rendas ecclesiasticas lhe infundiram em o animo tão vangloriosos pensamentos que se rezolveu a frequentar a Universidade de Paris, celebre emporio de todas as sciencias, formando d'ellas os degraus por onde subisse á eminencia dos maiores logares que na sua idéa maquinava.» Supponho garantidos quanto possivel os créditos do moço, contra a malignidade dos homens e, ao mesmo passo, *annotada* aquella passagem das *Viagens na minha terra*, que vae transcripta nas primeiras pagi-

nas d'este livro. — «Devem mostrar-se o seu ardente e arreigado desejo de saber... a sua sede de ocio e de prazer... como ainda não foram vistos» Parece que não custará grandes esforços a demonstração de taes *mysterios.* (1)

(1) Vae como epigraphe a este livro um trecho do canto VIII da *Dona Branca*,— a primeira referencia de Garrett ao nosso heroe. Depois, no canto IX, a apresentação de Frei Gil realiza-se em condições de tal arte humoristicas que não ha perceber nitidamente o como o poeta veio a pedir, nas *Viagens na minha terra*, um Gœthe para o Fausto portuguez.

Accresce que na nota A, de Garrett, ao canto VIII do seu poema, nas referencias aos milagres de Frei Gil, diz cautellozamente o poeta:

«A Egreja reconhece os milagres; e a crença dos fieis se deve conformar com esta; mas não se segue d'ahi que não haja n'esse ponto muita superstição entre o vulgo *e sobretudo n'aquelles seculos ignorantes*. Alem de que a bem entendida piedade nos deve fazer aguardar a decisão da Egreja antes de prestarmos fé; pois em verdade muitos falsos milagres tem havido que para serem taes foi mister que ninguem os visse: com o que se dá gosto e triumpho a hereges e a inimigos da nossa religião.»

Reduzidas assim, ao crivo d'um são criterio, as proporções phantasticas do *bruxo*, é admissivel por um simples mortal, sem os fóros olympicos de Gœthe, pôl-o em fóco — para elucidação dos mais simples.

III

A condensação resumida dos factos *historicos*, entrelaçados com os lendarios, da vida de S. Frei Gil, pode o leitor que dispensa apreciações, encontral-a no livro do sr. Zepherino Brandão, mais de uma vez citado n'estas paginas, como terá de sêl-o sempre que se trate de Santarem — da sua Historia e das suas Lendas. Desde a partida do moço Gil para Paris, em busca da Sciencia, até ao seu encontro e seu pacto com o Diabo, em terras de Hespanha; os seus triumphos escolares e as suas devassidões na capital franceza; o seu arrependimento; o seu regresso por Hespanha á terra por-

tugueza; o espectaculo que em Segovia lhe deu novo rebate aos remorsos; a sua entrada no convento de Santarem; a appellação do novo Fausto para a Virgem, afim de que a intervenção d'ella o libertasse do pacto infernal; o favor que recebeu da Virgem; o seu doutoramento em Paris, aonde regressara; a sua elevação em honras: — tudo isto se encontra lucidamente exposto á penetração do leitor dado a destrinçar factos e phantasias.

Deve o leitor d'estas paginas ter em vista o que na carta de Eça de Queiroz ao auctor d'ellas se refere ao encontro do moço Gil com o senhor de Astorga, — que, *aqui*, *entre nós, é o Diabo.* Ahi se alonga a perder de vista, nos dominios da Tentação e do Pacto, o terreno mais apropriado á expansão do genio artistico do nosso grande escriptor de *hoje.* Vejamos a scena, qual nol-a descreveu o moderno chronista de Santarem:

*

* *

«. . . Caminhava já por terras de Hespanha o descuidado mancebo, quando se lhe fez encontradiço o demonio em figura de gente, e com taes artes se lhe insinuou, que, travando conversa o sincero Gil descoseu-se todo com elle.

— Na verdade, disse-lhe o maldito companheiro, que começava a combatel-o ás mãos ambas, escolhestes boa profissão, e acertastes com o caminho que vos conduzirá decerto á gloria; mas com sciencia mais poderosa e mais facil podereis em pouco tempo ser um homem estimado nas côrtes, valido dos reis, e quasi senhor absoluto do resto do mundo.

Que seducção! Vêr-se a gente no resto da vida tão rico e tão feliz!

— Dizei-me sem demora, meu bom amigo, tornou-lhe o joven, ancioso e attento, que maravilhosa sciencia é essa?

— *A Arte magica,* respondeu-lhe o

embusteiro; essa sciencia, primeira de todas, que não só abraça o prezente, mas antevê o futuro e que na antiguidade deu nome aos Magos, esses inclitos sabios assombrosos!

Ficou vencido o animo temerario e cubiçoso de Gil Rodrigues, que via no amavel companheiro de jornada pessoa de bom conselho, principalmente por lhe falar ao coração, e apertou com elle, que já se fazia rogado, por o ter na mão, para lhe apontar o meio de descobrir algum mestre de tão preconisada sciencia.

— Perto fica uma academia—resolve-se a dizer Satanaz — composta de sabios consumados, que de bom grado vos instruiriam se eu vos apresentasse; e posso, é certo, prestar-vos esse serviço, mas são duras e pezadas as condições por elles impostas a qualquer alumno que pretenda ser n'ella admittido.

...E' preciso que o discipulo guarde inviolavel segredo do que vir e ouvir, e

abjure a fé, lavrando contra ella protesto assignado com sangue proprio. Este escripto, que será o penhor da sua palavra, é tambem o seu diploma de magico, e nunca poderá obter senão a copia d'elle.

Parece que estamos a ouvir Mephistopheles, no *Fausto*. Veja-se na traducção de Castilho:

FAUSTO

Vá que exiges, espirito damnado ?
Pergaminho ? papel ? marmore ? bronze ?
Letra de penna, de buril, de escopro ?
Escolhe !

MEPHISTOPHELES

Ih ! que facundia, que fogachos
Sem quê nem para quê ! Basta um farrapo
De papel fino ou grosso, e uma gotinha
Do sangue proprio com que assigne em baixo.

E' tal a ambição de Gil, que lhe alastra as azas da razão, e cega-o, para não ver que não podia um fidalgo portuguez, sem commetter uma indignidade, acceitar similhantes condições. Fica por tudo, e, desviando-se do caminho que levava,

parte com o seu mentor; entram ambos em uma profunda gruta, situada no sopé de um monte junto a Toledo, é apresentado á secreta academia diabolica, e assigna o pacto infame.

A singular agudeza do seu espirito em breve o tornou peior que o proprio pae das maldades. Bem lido já nas doutrinas do infernal atheneu, vae, com permissão do diabo, cursar as aulas de medicina em Paris, onde a ostentação que faz dos seus talentos serve aos mais escrupulosos de desculpar os seus desatinos e o vicio com que se entrega á rédea solta, conseguindo ser de todos invejado e querido.

Era verdadeira vida airada a sua!

Um dia, deu-lhe Deus uma aldrabada nas portas da alma. Estava Gil a machinar novas travessuras, ou antes novas maldades, quando lhe appareceu de subito um cavalleiro, de lança em riste, bradando-lhe: —«*Muda de vida, homem! Muda de vida!*» Sobresaltou-se um pou-

co, mas não quiz ouvir a voz da consciencia e continuou a deixar-se escorregar para o abysmo do erro. Passados dias, torna o cavalleiro sobre elle, arremessa-lhe o cavallo, como prestes a esmagar sob as patas do fogoso animal o misero moço, põe-lhe a lança aos peitos, e diz-lhe: —«*Muda, muda homem a vida, senão morto és!*» Gil Rodrigues, atemorisado e aturdido, exclamou:— *Si farei, senhor; e peço-vos me perdoeis não obedecer senão da primeira vez.* Mal acabava de proferir taes palavras, sentiu-se ferido da lança. Solta agudo grito, chama pelos creados que lhe acudam, desapparece a visão aterradora; elle volta a si e o seu peito apenas lhe mostrava uma leve riscadura.

Aquelle Senhor que já n'outro tempo convertera um Saulo em Paulo, apparecendo-lhe no caminho, quando o viu mais rendido ao seu erro, é o mesmo que veio salvar Gil.

— *Saule, Saule, quid me persequeris?*

perguntou o Senhor áquelle que depois escolheu para vaso de eleição e prégador dos gentios. — *Domine, quid me vis facere?* respondeu o lobo feroz, tornado manso cordeiro.

Assim aconteceu a Gil Rodrigues. Caindo em si, queima todos os seus livros, e abandona a toda a pressa o theatro das suas proezas. Pela primeira vez, depois de tantos annos de ausencia, se lembra com saudade da casa paterna, dos doces carinhos de sua mãe, e sente apertar-se-lhe o coração, que parece querer saltar-lhe pelos olhos fóra, desfeito em lagrimas. Cerrou a sua dôr na alma e saiu de Paris, com os olhos na patria. Entrou em Hespanha e, ao passar pela cidade de Palencia, reparou casualmente em uma scena edificante. Vê os padres de S. Domingos empregados na reparação do seu convento, amassando uns a cal e carregando-a outros: todos, porém, com o mesmo afan e não parecendo nas suas maneiras haverem nas-

cido para taes trabalhos. Fez logo conta de não passar d'alli. No dia seguinte voltou ao sitio, e pediu para fallar ao prior do convento. Este recebe-o e ouve-lhe a confissão geral de suas culpas. Não satisfeito com esta primeira retractação, roga ao seu confessor lhe dê um logar n'aquella casa de penitencia e é, em seguida, abraçado com alegria e admittido com amor. Escreveu logo aos seus, despediu os creados e vestiu o habito da ordem dos prégadores.

Bem diverso do que fôra até alli era agora o genero de vida adoptado voluntariamente por Frei Gil. Durante o dia, trabalhava com os seus companheiros nas obras do convento, á noite furtava algumas horas ao somno e ao descanço, para se entregar á oração e á leitura dos livros santos. Pelo palacio cheio de confortos trocou a cella erma em que se sepultara em vida, pelas sedas do leito e linhos da cama um tecido de varas, sem mais abrigo do que uma manta de sac-

co. Aos lautos banquetes e aos festins ruidosos dos salões, preferiu um pedaço de pão grosseiro e negro. E para se vingar das sensualidades, que lhe entorpeceram o espirito e definharam o corpo, cingiu-se uma cinta de ferro sobre as carnes, fechada com um cadeado, cuja chave lançou ao mar. Empregava-se nos mais humildes misteres, e servia aos doentes de medico e enfermeiro. Era verdadeiramente edificante o seu procedimento inalteravel e quotidiano. Professou finalmente, e foi mandado para Portugal.

Entrou no convento de Santarem. Dava na vista, e cauzava estranheza aos da communidade o ar sempre pensativo e melancolico de Frei Gil. Mal sabiam que seu pobre irmão ainda pertencia ao diabo!

Desgraçado Frei Gil, que não via meio de haver ás mãos aquelle pacto infernal, feito e dado com tanto gosto seu a Satanaz, dentro das cavernas de Toledo!

— Chora, trabalha, cança-te e padece! — dizia-lhe o feio mafarrico, tentador das almas. Meu has de ser sempre: melhor te fôra rindo e folgando!

Era uma lucta de vida ou de morte, a que se travara entre Frei Gil e o inimigo mau. Mas Frei Gil venceu!

E' assim que na *Egidea* se canta a sua victoria.

«Fugiam os demonios já vencidos
Sem ordem, mas com triste retirada,
Confusos, abysmados e corridos
Pelo logar da corda pendurada:
Lançando maldições com alaridos
Contra elle, pela cédula alcançada,
E que nunca tal fôra, lhe diziam,
Sem o favor d'Aquella que alli viam.

Para a devota imagem apontavam,
Que de Maria estava collocada,
Com o dedo sómente e não olhavam,
Por medo ou por desgraça antecipada:
Todos a mesma acção quando marchavam
D'esta sorte faziam imitada,
Porque ver não podiam certamente
A mais Forte Mulher, mais innocente

Já aos pés da imagem venerave',
Sobre o altar a que Gil recorria,
O nefando Padrão, escripto detestavel

Como pelo ar descendo apparecia.
Oh, pasmo! Oh, assombro! Oh, caso admiravel!
Oh, favores de Deus e de Maria!
Absorto ficou Gil e transformado,
Apenas viu o Escripto resgatado!

Ninguem póde explicar os sentimentos
Em que ficou Frei Gil, apenas vira
A cauza principal dos seus tormentos
Exposta no logar de d'onde o tira!
Que prazer maior, que contentamentos!
Que jubilo! Que gloria possuira!
Ninguem póde saber sem experiencia
Que coisa são os dons da Omnipotencia!

Frei Gil vivia consumido, e mostrava-o a perseverante perseguição de Satanaz. Recorreu á Virgem, á consoladora dos afflictos e auxilio dos christãos, e rogou-lhe que valesse, como mãe amavel de todos os peccadores, a tão miseravel filho. Orava Frei Gil na casa do capitulo, onde estava em seu altar uma veneranda imagem da Senhora; e depois de sete annos de efficazes depredações e penitencias continuas, quando os seus inimigos mais encarniçados estavam em lucta para o vencer, sente-se soccorrido

do poder invisivel; — e tem aqui a palavra Fr. Luiz de Souza:

«Porque viu fugir de repente os exercitos de Lucifer, como quem com medo dava as costas a mayor força: soando dentre elles uma voz horrenda que claramente dizia: — «Tóma com a minha maldição e a de todo o inferno. Nunca o ouveras se me não fizera força quem está n'esse altar: ella me faz guerra, ella me vence.» E logo notou que vinha descendo do alto da capella, da parte onde a vazava uma abertura por a qual os vira yr fugindo de tropel, hum pedaço de pergaminho, que para signal do que era, e de quem o ganhou, e devera victoria, se veyo como posto á mão offerecer, e assentar aos pés da Senhora sobre o altar: era este o mesmo logar por onde cahia a corda do sino do convento, e até á nossa idade se conserva no mesmo estado e serviço, e justo fora que se não perdera o sinal d'elle, para memo-

ria de caso tão raro, inda que se escusou o uso.»

Pelo favor que recebeu pode equiparar-se o nosso Frei Gil ao santo bispo, Theophilo, de Antiochia.

Ficou Frei Gil desobrigado da vergonhosa divida que contrahira e agora com mais grata obrigação, inexcedivel zelo e cega confiança, servia a religião que professara.

Para maior merecimento com Deus e com a ordem, deu-se ao estudo da Theologia. Sobrava-lhe o engenho para estudar por si; mas na frequencia regular das escolas, a direcção dos bons mestres e a emulação entre os condiscipulos adverte e aviva. Ordenou-lhe, pois, o provincial que fosse rezidir e graduar-se em Paris. Partiu, por obediencia, como antes por gosto. Doutorou-se na Universidade e foi logo nomeado por doutor e mestre em theologia para a provincia de Hespanha. Mais tarde morre D. Frei

Soeyro, e D. Gil é acclamado provincial pelos frades de Castella.

Já pòr toda a Hespanha e Portugal corria a fama da sua santidade, e d'elle se contavam grandes maravilhas. Ao diante fallarei d'ellas.»

*

* *

O leitor, prevenido por Garrett, ou pelo cautelloso criterio proprio, descontou já no extrahido resumo, que ahi se lê, parte do sobre-natural, e viu desenharse nitidamente o vulto do nosso heroe. Talvez mesmo dispensasse apontamentos novos, para formar seu juizo ácerca do mancebo donoso, rico de intelligencia e de bens, que parte para Paris, em busca de sciencia e de gózos; que na capital franceza encontra uma e outros; que d'estes abusa, a ponto de escandalisar os fieis,— formando assim os alicerces para o maravilhoso arrependimento; que um

dia, saciado, se recolhe á vida monastica — refugio n'outras éras contra o aborrecimento gerador do suicidio; que nos seus conhecimentos colhidos no estudo e na agitação da vida, e no espectaculo da sua conversão, vê estabelecer-se um extraordinario prestigio e esboçar-se a lenda de um Fausto, em pacto diabolico e libertação, com auxilio da Virgem; e que, emfim, morre cheio de honras, alvo da fé... e quem sabe se formando dos homens um tristissimo e desolador conceito?

E' crivel que tal aconteça: que o leitor intelligente se julgue elucidado, mas não quero limitar-me á simples citação da aliás substanciosa nota do meu esclarecido camarada. Prometti colhêr as indicações ao meu alcance, relativas ao prestigioso dominicano, e, embora falho de necessarios expositores,— como em regra succede entre nós aos trabalhadores desprovidos de especiaes recursos, se animados, embora, de bons desejos,

— não deixarei de forragear pelos raros terrenos facultados. Não é isto um trabalho de erudição: em tal caminho se não orientou o meu espirito; não é obra de artista: lá temos a probabilidade de um especialista eminente vir a explorar o S. Frei Gil da *lenda* — por modo a legitimar as ambiciosas aspirações de Garrett. Isto é apenas o rezultado de algum trabalho n'uma velha cella de um antigo convento de frades franciscanos, e que é hoje — a Bibliotheca de Lisboa, — nos intervallos de outras occupações n'um velho convento de freiras Mónicas, onde se refugiam os pequenos desgraçados.

Dois *meios* suggestivos para pensar n'um frade.

IV

Exige, a esta hora, o leitor incredulo na «pestifera sciencia da Nigromancia», no dizer do Padre Ignacio da Piedade, que eu insista no desenvolvimento de um criterio desinfectado, ácerca da vida de Frei Gil na capital franceza. Diz-me o historiador de *Santarem edificada* que «logo que em Paris entrou o moço Gil no geral da Medicina, começou a dar mostras de ser o mayor homem que tinha o mundo, n'aquella faculdade, com as pasmosas curas que fazia.» E opina o bom Conego secular que o pratico se ajudava da sabedoria da Nigromancia excedente ao natural engenho da natu-

reza e a todas as artes attingiveis ao entendimento humano. Não era a Sciencia; não era um preclarissimo entendimento ao indefesso serviço d'ella; tampouco um favor divino — o que produziu milagres dos mais queridos pretendentes á Côrte celestial—o que determinava os progressos e as *pasmosas curas* do joven medico. Era o pacto com o Inimigo, era o accordo com o Demonio, pois que o moço Gil de Valladares se entregava «aos vicios mais torpes que os depravados apetites podem desejar.» Por outra, eram as estroinices do rapaz que punham o sello diabolico na sciencia do medico. Parece que ainda era isto concludente em 1740, anno da impressão da *Santarem edificada.*

Menos para assombros se afiguram ao bom Padre Ignacio da Piedade as *curas* realisadas por Frei Gil depois da sua morte. E' quanto nos diz o chronista:— «Foi posto o santo corpo na dita sua capella e viram-se n'aquelle mesmo dia

muitos prodigios: porque recebeu vista uma mulher que era cega e ficou sem lesão alguma um aleijado, e outros enfermos ficaram possuindo perfeita saude.» E' que o morto já não podia peccar contra a castidade e, portanto, a minima suspeita de um novo pacto diabolico era inadmissivel e as *curas pasmosas*, que o medico de Paris só realisara pela Nigromancia e pelo pacto, podiam, para edificação dos fieis, ser excedidas pelas curas do defuncto. Concludentissimo!

*

* *

Quanto aos quadros de devassidões diabolicas e de pasmosas curas — umas explicando as outras, — bom será que não deixemos de levar á conta do são juizo alguns *pormenores* esquecidos pelos chronistas veneraveis. A ida de Gil Valladares para Paris, a cultivar as sciencias realizou-se no alvorecer do secu-

lo XIII, quando o genio creador e reformador de Filippe Augusto convertia Paris, até então uma simples cidade de provincia, [1] em verdadeira capital da França, e, pela poderosa e intelligente protecção concedida á Universidade, organisada pelo seu esforço, tornava a capital franceza o grande centro de estudo europeu. Uma forte corrente internacional transportava a Paris numerosos espiritos ávidos de conhecimentos, e não soffre duvida que o desenvolvimento simultaneo dos estudos scientificos, das artes, das reformas politicas — toda a genése, emfim, de uma França nova, — teriam atrahido a Paris milhares de homens novos, mais ou menos aventurei-

---

(1) Veja *Paris sous Philippe le Bel d'après des documents originaux*, etc, par H. Gérand, élève de l'École des Chartes. Paris, 1807.— Diz, a pag, VI : — «Réduit avant Philippe Auguste, aux proportions d'une simple ville de province, Paris revêtit enfin, sous le rêgne glorieux de ce monarque un caractère de grandeur qui pouvoit dejà faire présager son importance à venir.»

ros e com elles as folganças a que o bom Padre Ignacio da Piedade chama impiedosamente — os vicios mais torpes que os depravados apetites podem desejar.

Pede-me um leitor singularmente attento uma conclusão, e não hesito em denunciar-lh'a. E' que, fóra da *lenda*,— do pacto, da pestifera sciencia da Nigromancia, dos milagres antes e depois da morte,— o que offerece vasto e accidentado terreno á phantasia de um artista, para inteira satisfação de Garrett, — a vida de Gil Rodrigues Valladares, apurada no crivo historico, não offerece á lenda uma segura base. No turbilhão da sociedade evocada, e depois reformada e orientada por Filippe Augusto, é de suppôr que de innumeraveis Frei Gil hajam dito os seus conterraneos maravilhosas coisas em materia de seus estudos e de seus prazeres; o certo é, porém, que nenhum assim escandalisou os chronistas, para os dulcificar com mysticos arroubos. Era um predestinado, na es-

pecialidade das glorias terrenas. Este meu livro é a peior de todas.

*

* *

Quer um dos leitores que eu extracte da parte *historica* um facto *revelador*. Ahi o tem:

Não é da *lenda*, antes da triste realidade, o facto de haver S. Frei Gil intimado a el-rei D. Sancho II a deposição, por ordem de Innocencio IV. A ignominiosa tramoia do *Bolonhez* contra o *Capello*, reproduzida, seculos volvidos, pelo rei *Pacifico* contra o rei *Victorioso*— com aggravo de adulterio, e de fratricidio, não podia realizar-se sem a intervenção de Roma. A dos filhos de D. João IV está ainda perto de nós e no espirito das multidões; a do seculo XIII resalta dos seguintes suaves dizeres de Barbosa Machado, na sua *Bibliotheca Luzitana*: —«A culpavel inercia com que

El-Rei D. Sancho II de Portugal permittiu ser dominado por seus vassallos com injuria da soberania e abatimento da magestade impelliu aos zelosos da patria para que clamassem a Innocencio IV o deposesse do throno.» (1) Era isto,

---

(1) D. Sancho II, que aos Mouros ganhou Elvas, Jerumenha, Serpa, Arronches, Mertola, Ayamonte e Aljustrel, etc., provara bem o seu esforço militar, de que tem sobeja garantia no depoimento de D. Rodrigo, o erudito e respeitado Arcebispo de Toledo, quando o Papa Innocencio IV, na Bulla em qne o depôz da administração do reino, o accusou de «pusilanimidade e negligencia». Seria antes porque na administração de D. Sancho havia «injustiças contra o estado ecclesiastico e damnos graves nos bens e fazendas dos Mosteiros e pouco caso das censuras ecclesiasticas»— palavras do alludido Pontifice na corrente de calumniosos pretextos.

Não houve embargo de escriptor portuguez coêvo da iniquidade, e vem de molde as considerações de Frei Leão de S. Thomaz, na sua *Beneditine Luzitane*:—«Parece que nossos escriptores, por o verem (a D. Sancho) privado da Administração, lhe negaram o que se lhe devia.» Esta honrada annotação de um Portuguez, depois das palavras de justiça do prelado de Toledo, só tinha de vir, originalmente, no seculo XVII. O illustre benedictino Frei Leão de S. Thomaz fez imprimir a sua obra em 1651.

e o papel de S. Frei Gil foi o que ides ver e que não pertence á lenda. E' historia pura.

*
* *

Não cabia em todos os peitos portuguezes um coração como o de Martim de Freitas, todavia, houve repugnancia geral em affrontar, por conta do Papa e do pretendente *Bolonhez*, o direito divino e o da tradição, representados por D. Sancho II. Ora, para taes casos de hesitação é da philosophia dos scepticos que se procure para realisar uma affronta o homem que mais deve em favores ao que é urgente offender. Tenhamos presente que aos inicios da carreira de Gil Rodrigues Valladares foi elle regalado em bens e honrarias pelo rei D. Sancho II. Ouçamos Barbosa Machado:— «Esta commissão (de intimar a deposição ao rei) *que era a todos formidavel* a executou o Santo Frei Gil *com apostoli-*

ca liberdade, posto que padeceu graves affrontas e infinitas molestias.»

E ouçamos mais Frei Luiz de Souza *(Historia de S. Domingos)*:—«Estava S. Frei Gil despojado do cargo, quieto e descançado em cella: *tinha obrigações pessoaes a El-Rei* e outras particulares por seus irmãos e parentes que o serviam: mas tocava-lhe por Prégador, fazer sua diligencia com o povo em cumprimento dos mandatos apostolicos: e por pessoa de authoridade fazel-a com o proprio Rei. Nestas contrariedades, *venceu o bem publico ao particular da carne e sangue*...»

*

* *

Se não tivessemos de crêr na sinceridade do chronista, seria caso de dizermos que não ha ahi, modernamente, mais arguto modelo de atrocissimo sophisma. A'quelle frade, que ao monar-

cha trahido e em vespera da queda devia fartos beneficios, por si e por seus parentes, apresenta-se o momento de saldar todas as contas de gratidão,—defendendo o seu bemfeitor. Pois bem, não ha quem se atreva a desempenhar a commissão, *que é a todos formidavel*, de dirigir áquelle rei o supremo ultrage? Ali está Frei Gil, o beneficiado de D. Sancho II, para desempenhar a commissão, *antepondo o bem publico ao particular da carne e sangue*. Não deve isto entrar n'um trabalho de futuro Gœthe, ácerca do *Fausto Portuguez?*

*

* *

Que S. Frei Gil, á conta do seu feito, «*soffreu graves affrontas e infinitas molestias*»—lá o diz Barbosa Machado. Vejamos agora em Frei Luiz de Souza de que especie e força seriam as *affrontas e molestias* que flagellaram o outr'ora

protegido do desgraçado D. Sancho II.

«Sabendo certo que fazia embaixada de muito desgosto para El-Rei e de grande perigo para si, foi-se ao paço e com a liberdade de um Bautista *(bem comparado!)* declarou-lhe no rosto e na presença dos Poderosos que o cercavam *(e que o trahiam!)* a vontade e determinação do Pontifice. Era dom Sancho tão frouxo de natureza como temos visto, e para com Religiosos facil e cheio de santos respeitos; comtudo n'este caso, alterou-se e tomou fogo *(é que a ingratidão aquece ao rubro!)*. Queria responder, mas adiantou-se um dos que o acompanhavam e desatou furiosamente a lingua contra o Santo, em uma corrente de palavras injuriosas... e o lançaram fóra do Paço.» Fracas *molestias e affrontas*; mas ahi fica um extracto *revelador*.

*

* *

Moral da Edade Media: pondera-me um leitor. Eu embargo-lhe a critica, com as palavras de Barbosa Machado: —«Esta commissão (de intimar a deposição ao rei), que era a todos formidavel, a executou Santo Frei Gil.» Foi elle — e foi só elle!

V

O criterio do leitor intelligente vae encontrar ensejo demorado, para exercer-se com honra e aproveitamento. Será quando destrinçar nos dados fornecidos pelos dominicanos Fr. Luiz Cacegas e Fr. Luiz de Souza, e que vão ser lidos, o que é dos puros dominios do Natural e o que deve condensar-se para a maravilhosa historia do *bruxo*. Por mais que eu empenhe esforços, no sentido de extrair da Bibliographia Dominicana os traços desassombrados do esboço de um grande vulto, certo é que o *homem* — moço, estudante, folião, frade convertido — ou saciado, — com uma nota de ingratidão

suprema que só poderia desculpar-se por irresponsabilidade mental, — eclipsa-se perante o *milagreiro*, com inspiração divina, com visões, *bruxo* durante o pacto infernal e *santo* depois do rompimento com o Demonio, e deixa em fóco esta figura complexa, para a exploração theatral com visualidades e para muitas outras explorações artisticas.

Mais uma vez tenham, pois, a palavra os bons Dominicanos, e seja a partir da segunda viagem de Gil Rodrigues Valladares a Paris, d'essa vez não já em busca dos estudos medicos e dos prazeres da mocidade, mas *contricto* e de olhos postos na Theologia e nos arcanos da tal sciencia.

*

* *

«... Ao entrar por França [1] de crêr é que achando-se em partes que n'outro

[1] *Hist. de S. Domingos,* auctores citados.

tempo lhe foram occasião de offensas ao Criador, tambem agora o seriam de novas lagrimas, imitando o que tinha ouvido dos grandes penitentes. Que se só o canto de um gallo fazia rebentar em pranto o Principe dos Apostolos, que fariam em Frei Gil os encantos que a cada passo tinha de muitas coisas justas, em cada uma das quaes reconhecia não só offensas ordinarias, mas aquella maior de todas, de vil capitulação que fizera com os inimigos de Deus contra o mesmo Deus! Chorava de novo, mas junctamente engrandecia as misericordias do Senhor que o livrara, e assim crescia em graça e merecimentos. Mas se chorava nas cidades alegrava-se nos campos, servindo-lhes qualquer flor que via, ou passarinho que ouvia. E como trazia grandes luzes na alma, communicadas d'aquella, que lhe ficou sempre diante dos olhos, como atraz dissemos, andava em perpetua união com Deus, amando-o, desejando-o, e enlevando-se n'elle, de

sorte que tudo o que não era Deus lhe aborrecia e lhe dava pena. Estado bemaventurado e qual deve ser o de todo o Religioso, que pois buscamos a um Senhor que se não quer servido de meios, erro será não lhe darmos o coração inteiro, para alcançarmos a boa ventura d'aquelles *qui toto corde exquirunt eum.* Assim adiantou muito em espirito e perfeição n'esta jornada de França, e quasi ao mesmo passo de que perdeu na primeira.

Achou Frei Gil em Paris ao Santo Frei Jordão, Mestre Geral da Ordem, que tendo noticia de quem era *e recommendação de sua pessoa por carta de el-Rei D. Sancho,*[1] *lhe fez muito gazalhado e honra.* Aqui teve por companheiro das aulas e da cella ao grande Humberto, que depois veiu a ser Geral da Ordem. Este varão se lhe afeiçoou muito,

---

[1] Nunca o irmão do *Bolonhez* se cançou de proteger o nosso Gil. O resto é sabido.

e notando com attenção sua vida no tempo que estiveram juntos, nos deixou noticia em seus escriptos de algumas coisas d'elle. Com tão grande testemunho poderiamos escusar tudo o mais que he da sua rezidencia em França. (1) Mas como esta historia se escreve para exemplo, doutrina dos que porquanto vivemos e dos que hão de vir traz de nós, parece obrigação dizermos mais alguma coisa.

Dizia (Fr. Gil) que Deus creara o medico e a medicina; que bom era ouvir o medico e acceitar o medicamento: mas confiar só em Deus que podia mais que a natureza. (2) Outras vezes, como se fô-

(1) Um seculo volvido sobre a publicação da *Historia de S. Domingos,* diz-nos na sua *Bibliotheca Lusitana* o Abbade de Santo Adrião de Sever que o livro *Vita Fratrum,* atribuido a Fr. Humberto, Mestre Geral dos Prégadores, foi em grande parte composto por S. Frei Gil. Tal parecer, não é inutil para elucidar a critica.

(2) Devia ser influencia da Theologia o que levava o sabio auctor de *pasmosas curas* a assim renegar da Sciencia, chamando á cabeceira dos enfermos a intervenção de Deus. Nefasta influencia!

ra o mais humilde irmãosinho de caza de noviços, punha a mão em todo o que convinha aos doentes, sem pejo nem asco, nem ceremonia, senão com uma vontade tão prompta e alegre que se lhe traduzia em tudo um coração inflamado em verdadeira caridade. Tambem, quando convinha, acudia — como Santo. Porque como a doença não é outra coiza senão a descomposicão de humores, e estes, descompostos, trocam e pervertem a boa compleição natural dos doentes: d'aqui vem serem muitos homens na doença penosos, descontentadiços e maus de servir. Para este ponto era Fr. Gil dotado de uma certa graça natural, que por mais descomposto que achasse o enfermo, elle o tornava de colerico macio e brando, de impaciente soffrido, de desanimado animoso e cheio de esforço. (1) O que servindo muito para a

(1) Com vénia aos manes dos chronistas, ha en-

saude corporal, não aproveita menos para a espiritual. E assim como trazia todo o convento edificado e obrigado com esta arte, não o edificava menos com a que usava comsigo quando era enfermo. Porque de nenhuma maneira podia achar comsigo ser pesádo, nem dar pena a nenhuma creatura. Se lhe davam de comer, se lh'o não davam, se vinha cedo ou tarde, se mal ou bem guizado, se frio, ou requentado, ou escaldando, a tudo fazia o mesmo rosto, e sempre bom rosto...»

*

* *

Até aqui não sae Fr. Gil dos dominios em que se affirma um natural bondoso, caritativo e humilde, ou a tal le-

---

fermeiros assim, mas sem ambicionarem a classificação de Santos.

Quanto á theoria dos *humores*, seria de mau gosto annotar uma referencia que tem a data de 1623.

vado pelos baldões da vida. Já é menos natural e mais *santo*, ou mais *bruxo*, quando d'elle nos dizem os chronistas dominicanos:

...Se o procuravam e o começavam a tratar por curiosidade, como acontecia, alguns mancebos, ou começados a enganar das vaidades do mundo, ou enfrascados já n'ellas, assim os fazia temer e entrar em si, que davam volta na vida e nos pensamentos. Forçava com suavidade os corações, obrigava, rendia, encaminhava os homens para Deus e furtava-os ao inferno. Esta graça, conta d'elle o Santo Geral Humberto, (1) que tinha tambem com noviços, quando, salteados de qualquer desgosto ou tentação, vacillavam ou tornavam atraz nos santos propositos. Bastava metterem-lh'os nas mãos, para sairem d'ellas cheios de valor e constancia. Mas eram já effeitos *sobrenaturaes não humanos, nem ordina-*

(1) No tal livro *Vita Fratrum?*

rios. Porque nos poucos annos que se deteve em França passou tanto adiante na virtude e perfeição que todo o seu trato era com Deus e sua conversação no Céu, nem fazia coisa que lá não negociasse primeiro. E testemunha o mesmo Padre Humberto que lhe acontecia muitas vezes arrebatar-se subitamente, e ficar alienado de todos os sentidos, de tal sorte que, entrando algumas pessoas onde elle estava, de nenhuma dava fé e a cabo de grande espaço, que tornava em si, então lhes falava e as saudava, como se n'aquella hora chegaram. Communicava-lhe o Rei da gloria aquelle divino cheiro dos ambares e agoas de Angeles das boticas celestiaes; não era mais em sua mão: corria atraz d'elle *(do cheiro)* e perdia o gosto e o conhecimento de todo o da terra. Porem isto que então era só uma faisca de fogo divino, depois andando o tempo passou a effeitos tão extraordinarios e espantosos, que roubando-lhe de todo uso os sentidos, e

os membros do peso natural, arrebatavam aquelle corpo pelos ares, como adiante veremos. (1)

Ajudada assim dos divinos favores a destreza natural do bom engenho, não foi necessario gastar muitos annos para merecer a honra do grau: e porque el-rei D. Sancho tinha mandado prover as despezas d'elle (2) Frei Gil a recebeu publica na Universidade, com festas e applausos, e logo outra particular na Ordem, sendo nomeado por Leitor e Mestre em Theologia para a provincia de *Hespanha*.

(1) Sublinhei estas ultimas palavras, pois que ellas representam maravilhosas promessas a futuros benemeritos exploradores do *santo*, ou do *bruxo*.

(2) Sempre o bemfeitor — o rei *Capello!*

VI

Temos agora o caso de por morte do Provincial D. Frei Soeiro, se juntarem todos os frades da Provincia, para lhe darem successor, sendo por acclamação votado e eleito S. Frei Gil para aquelle importante cargo. O facto é revelador de bons creditos do nosso heroe, pois que não vingavam taes eleições realizar-se ao primeiro escrutinio. O Padre Frei Fernando de Castilho, referindo-se á eleição de S. Frei Gil, diz: — *Y los Frayles de Castilla lo hizieron su provincial en la primera occasion, por tenerla ellos para ser santos con el exemplo de un Pastor santo...*

Por sua diligencia, por sua virtude, porque era mansissimo com todos e austero e rigoroso só comsigo, mostrou S. Frei Gil aos seus eleitores que não fora indigno da honra que lhe fizeram. Não é vulgar que um eleito em fins do seculo XIX assim dê satisfação aos que n'elle depositavam confiança, real ou simulada; mas até aqui vemos S. Frei Gil conter-se nos dominios do natural. Temos á parte o milagroso.

Havia na ilha Maiorca, uma das Baleares, um «principio de Convento da Ordem, desde o tempo que o rei Jayme de Aragão conquistara aos mouros a mencionada ilha. Rezolveu a Provincia celebrar n'elle um Capitulo provincial. Não recuzou o trabalho o nosso S. Frei Gil e dirigiu-se a Barcelona, para d'ahi passar á ilha. Estava de partida para Maiorca uma nau de mercadorias; S. Frei Gil embarcou-se n'ella com alguns capitulares, repartindo outros por outras embarcações. Levantadas ancoras

ao desferrar das vélas, soou um espirro entre os passageiros (o narrador é Frei Luiz de Souza). Foi causa de espanto a attenção e pavor que entrou juntamente entre mareantes e mercadores, por uma cousa tão natural e ordinaria como é um espirro (a observação é ainda do chronista dominicano, e é muito acertada).

No mesmo instante mandam (?) que se tomem as vélas e se larguem de novo as ancoras, dizendo que com tal agouro nenhum sisudo se desabrigava da terra. Acudiu o santo, mais por honra de Deus que pela necessidade de navegar, e começou a reprovar a determinação, com razões fundadas em Fé e Christandade e no credito da Providencia Divina que rege e governa todas as cousas. Tanto e tão bem falou o nosso santo que os homens da nau sujeitaram-se á boa doutrina e lá sahiram ao mar.

Agora é que ellas começam, — diria certo padre mundano. Cerrada a noite, cresceu o vento, engrossou o mar, es-

cureceu o Céu, cobrindo-se de nuvens, e quando amanheceu era tormenta desfeita. Eis que começa a gente do mar a queixar-se e dar culpas a quem os fizera navegar (o que veio a succeder com os companheiros de Colombo). Acodem os mercadores e, vendo embravecer o mar cada vez mais, dando-se por perdidos e perdida a fazenda, que estimavam igualmente com as vidas: e em logar de fazer orações a Deus, dão em desesperações: tornam-se contra o Santo, que sahira a consolal-os; dizem-lhe mil afrontas e improperios, lançando-lhe toda a culpa do trabalho. Ajuntam-se outros mais damnados, ou com o medo ou com o exemplo, gritam que o lançassem ao mar e fosse primeiro afogado quem fora primeiro em os persuadir a deixar a terra: e faltava pouco para violarem com mãos sacrilegas as veneraveis cans.

Vendo o santo a força do tempo ajudado da raiva e desatino dos homens, levantou os olhos ao céu e pondo toda a

sua alma e confiança em Deus, disse em voz alta:—«Que é possivel, Senhor, que haveis de permittir que acabemos aqui e que triumphe o demonio e fiquem acreditadas suas mentiras? Ah! não seja assim, meu bom Jesus! Acudi, Senhor, e soccorrei os vossos servos, que se vós quizerdes, tão obedecido sois no mar como na terra e em todo o logar podeis castigar e dar remedio!» Quiz Deus mostrar que ouvia S. Frei Gil e quiz que o conhecessem e entendessem assim todos os que ouviram a oração d'elle. Certo foi que o mar, *não como é costume, cessando pouco a pouco o vento e ondas, mas subitamente; e como de pancada, acabando a ultima palavra do Santo acabou tambem a tempestade, a furia dos ventos ficou calma, sumiram-se as serras de mares que subiam ás nuvens, tornou sol e dia claro.*

Bem de vêr que ha ahi embargos ao raciocinio, e ninguem extranhará que, pasmados da maravilha quantos havia no

navio, levantaram as mãos ao Céu e, voz em grita davam graças ao Senhor e juntamente ao Santo, e chamando-lhes mil vezes Santo, declaravam receberem de suas mãos vidas, nau e fazendas.

*

* *

Outro caso tragico-maritimo, em que, infelizmente, não foi dado ao nosso heroe intervir, deu-se ao tempo em que elle salvava a nau onde era passageiro. Desembarcara S. Frei Gil e hospedara-se no convento da ilha, onde esperou a chegada de um navio que levava a seu bordo grande numero de frades Capitulares. Ora, aconteceu viver no convento Frei Manuel Benazar, a cujo cuidado estavam os arranjos para recepção dos frades que se esperavam. Levantou-se uma manhã Frei Miguel, a vêr quem vinha, e eis que se lhe depara uma longa procissão de Frades da Ordem. Dirigiu-se

a elles alegremente, dando-lhes as boas vindas e offerecendo-se para os acompanhar ao Convento. Respondeu-lhe um por todos — que na verdade eram os Capitulares e que para aqulla casa vinham, porém que ordenara a Providencia Divina outra coisa, mandando-os ir para a Celestial e soberana Gloria e que já todos descançavam na Eternidade. Tinham-se afogado todos, á falta de um S. Frei Gil!

Estando elle no convento de Santarem, em 1237, em companhia de alguns noviços, que de fresco tinha recebido, foi-lhes dizendo algumas coisas e, em particular, como a melhor arma que havia contra as tentações do Demonio era a oração: e a melhor e mais perfeita oração consistia em trazer sempre a Deus diante dos olhos da alma, louvando-o, desejando-o e amando-o. Ia o Santo assim discursando, quando de repente se lhe ata a lingua, perde a fala e fica mudo e tão profundamente arrebatado que

os moços que não tinham visto nem ouvido coisas similhantes, ficaram primeiro pasmados e suspensos: mas vendo que não tornava, julgaram que fosse effeito de cansaço, ou de velhice e vendo que ficava bem adormecido, despejaram o oratorio e recolheram-se. Porém, brevemente foram desenganados da qualidade d'aquelle somno.

Entrou S. Frei Gil uma manhã na enfermaria, a visitar os doentes, coisa em que dava e recebia grande consolação. Chegou-se a um que padecia dores e estava impaciente com a força d'ellas e começou a dizer-lhe algumas palavras para o animar a soffrer. No meio d'ellas deu o enfermo um suspiro com o nome de Jesus. Foi coisa extranha, que em lhe soando aos ouvidos aquelle santo nome perdeu a corrente do que dizia e derretendo-se-lhe a alma com suavidade, como se ouvira uma musica dos anjos, dizia cheio de alegria: — «Irmão Frei Martinho (assim se chamava o doente), sa-

beis como é formoso e que riqueza encerra esse nome?» E repetindo-o muitas vezes, levantou-se com força, como quem se abalança para dar grande salto, ou para correr e abraçar alguem, e ajudando-se do bordão que trazia na mão. Mas n'esta postura o desemparou a alma e voou tão longe (?) que ficaram os membros, como uma estatua de marmore, privados de todo sentido e movimento humano, encostados ou pendurados sobre o bordão, e tão fixos e immoveis que acudindo muitos padres a lhe fazer força para tornar em si, com empuchões e abalos não fizeram mais effeito do que se o houveram com um monte.

Eram esses frades mais meticulosos do que os noviços, e mais que todos o medico Frei Vicente de Lisboa, rezidente no convento. Fiado no muito que sabia de Philosophia humana e querendo medir com ella as grandezas divinas, de nenhuma maneira se persuadio que havia tal enlevamento. Avisado, veio cor-

rendo e fez-lhe mil diabruras para o chamar a si, picou-o com uma agulha, chegou-lhe uma luz aos dedos, e o Santo sem dar signal de vida!

Muitos d'estes raptos teve S. Frei Gil, mas um que se deu em Leiria merece aos bons chronistas menção especial. Ia o Santo para Coimbra e succedeu ficar de noite em Leiria, em casa de uma mulher virtuosa e nobre, que chamavam de sobrenome Pichena. Chegando, entrou para uma camara que lhe tinham concertado e assentou-se na borda da cama para descançar um pouco. Como seu descanço era conversar nos céus, segundo a linguagem e vida de outro S. Paulo, tudo foi um assentar-se o corpo e voar a alma arrebatada de extasi tão vehemente, que levou traz si os membros até junto do telhado. Acompanhava-o Frei André Martins, natural de Santarem, que era novo n'estas materias (novo em *extasis*) e entrando no aposento ficou pasmado, parecendo-lhe que via phantas-

mas. Quando cahiu no que era, julgou que era bom dizel-o: deu aviso á senhora da casa, juntaram-se os creados fizeram força, deram-lhe tormento com balanços e abalos e não sómente o não poderam descer, mas nem levemente menear!

Soube-se do caso na visinhança, acudiu toda, e, passando a voz, veiu correndo o logar inteiro com tanto alvoroço, que, não cabendo nas casas, subiram pelos telhados e destelharam a camara para vêrem a maravilha. (Este abuso contra a propriedade seria inverosimil attribuido a povos ruraes do nosso seculo pelo jornalismo noticioso. Garantido por Fr. Luiz de Souza hemos de actal-o como realizado em Leiria ahi por 1230. Temos caminhado).

Era alta noite. O Santo não tornava a si, nem os circumstantes se apartavam extaticos a seu turno: emfim, obrigados das horas do somno, despejaram. Passado grande espaço foi o Santo es-

pertando, até que sabendo do companheiro o acontecido, tão véxado ficou, que partiu antes de romper a manhã.

*
* *

Agora um facto que sae dos dominios do extasi para se affirmar em documento historico. E' o nome de S. Frei Gil firmando a carta de confirmação de Affonso II, o *Bolonhez*,—dirigida pelo usurpador á cidade de Lisboa, na qual elle confirma á capital todos os seus fóros e privilegios, vista a prompta obediencia que nos moradores d'ella achou aos mandatos Apostolicos, e em seu recebimento. Desde remotos tempos, que Lisboa tem estado por tudo.

A carta do usurpador, que anda trasladada nos livros da Camara, «em um que chamam dos Prégos» (1) é, por Fr.

(1) *Livro dos Prégos*, fl. 4.

Luiz de Souza, considerada merecedora de figurar na *Historia de S. Domingos*, «pela honra e logar que n'ella tem S. Frei Gil, assignando com o Arcebispo de Burgos e com o Bispo de Coimbra.» Vejamos o documento que é de fé. Vae traduzido do latim:

«D. Affonso, filho do illustre rei de Portugal e do mesmo reino administrador *(sic)* e, por graça de Deus, conde de Bolonha. Ao Corregedor, Justiças, e Alguazís, e a todo o Conselho, e Camara de Lisboa, saude, no que ha verdadeira salvação. Como quer que o *Senhor Papa*, havendo respeito ao mau estado em que o dito reino estava por falta de verdade, e fidelidade, e justiça, *me mandar* que viesse a elle á petição, a requerimento dos Prelados e fidalgos *e povos*, para ordenarmos que se guarde justiça e haja bom governo. E vós outros obedecestes aos mandatos Apostolicos, e nossos, sem fazerdes caso dos inimigos da verdade e da justiça. Portanto vos concedemos, e

confirmamos as cartas de vossas liberdades, e vossos previlegios, e fóros, assim os que tendes por escripto, como os que só em costume e sem escripturas alguns gozaes, e todos os mais direitos a vossa cidade pertencentes: assim e de maneira que pelos Reis d'este reino, meu pae e avòs vos foram concedidos e outorgados e os tendes de tempos antigos: assim vol-os promettemos manter e guardar. E outrosim promettemos que, havendo de novo introduzidos alguns fóros contra Razão e em prejuizo da nossa Republica tiraremos e vos guardaremos e manteremos em todo o bom estado, quanto o Senhor Deus fôr servido deixar-nos com o entendimento alcançar. E, para que o que assim fazemos e ordenamos mais força e vigor tenha, vos mandamos dar esta carta com nosso sello firmado e auctorizado. Feita em Lisboa, no mez de Fevereiro da Era de mil duzentos e oitenta e quatro (era de Cesar correspondente ao anno do Senhor de

1246), sendo presentes dom João Arcebispo de Braga, e dom Tiburcio bispo de Coimbra e dom Gonçalo commendador de Mertola, da ordem de Santiago: e *Frei Gil, da Ordem dos Prégadores.* Escripta por Gil Girão.»

Tal é o documento. Para gloria dos Dominicanos, segundo Fr. Luiz de Souza, não o é menos para esclarecimento historico. Não haja duvidas: Frei Gil não se limitou á intimação a D. Sancho, seu bemfeitor e amigo e ligitimo rei; firmou com o seu proprio nome a Carta congratulatoria do *Bolonhez* — mandado pelo Senhor Papa, a requerimento dos conspiradores, e tolerado pelos povos

VII

Vamos ao Milagre! Affirma o Mestre Frei André de Rezendo que succedeu ao Santo, ahi por 1266, uns vinte annos antes da sua morte, o seguinte caso maravilhoso. Acabou um dia de dizer a missa, no Convento de Santarem, para onde se acolhia e recolhia todo o tempo que tinha por seu. Foi-se logo ao côro, como costumava, a dar graças a Deus, e sentiu-se abalado do espirito. Quiz refugiar-se na Sacristia, como logar menos publico, e achou-a fechada; sentou-se á porta e começou a dormir «d'aquelle somno bemaventurado que Deus dá

aos seus amados em arras da herança maior que os espera. (1)»

Estava na egreja uma senhora, muito nobre e virtuosa, chamada Elvira Duranda; e, ou fosse por acaso, ou porque tivesse que praticar com o Sacristão, foi-se a procural-o e deparou-se-lhe o Santo que estava «todo enlevado e como passado d'este mundo. Detendo-se um pouco, eis que vê descer sobre elle uma columna de luz mais clara e mais bella que a do Sol, e logo ficar o Santo todo penetrado d'ella, resplandecendo como um crystal puro, transparente e formoso, e do rosto lançando raios que a dona Elvira comparava, á falta de melhor, aos que reverbera um espelho ferido do Sol. Ficou a mulher atonita, e resolveu deixar-se ficar na egreja, a vêr em que parava. Emfim, viu ir minguando e desapparecendo todo aquelle fogo e o Santo tornando em si, mas com uns suspiros

(1) E' de Frei Luiz de Sousa.

arrancados do centro da alma, «como quem perdia estado que lhe custava muito deixal-o.» E notou que ao partir se foi arrimando ás paredes e apalpando, como quem levava ainda a vista e os mais sentidos enleiados. Um dos padres antigos, que isto escreveram, affirma que Elvira Duranda gritou, cuidando que o Santo se abrazava em verdadeiro fogo, e que aos brados acudiu toda a Communidade, e foi testemunha do que temos contado. Foi o successo para esta boa alma, pelos modos, occasião de grande bem seu e d'outras muitas. Porque, fazendo reflexão no que vira, assentou em levantar o espirito a um genero de vida ainda mais alto do que até então seguira. Recolheu-se, ou sepultou-se em uma estreita casinha terrea que mandou edificar no sitio onde depois veiu a estar o mosteiro da Trindade, e por uma fresta recebia os alimentos e os Sacramentos da egreja, — no que foi imitada por outras. Estas

piedosas mulheres vieram a formar o mosteiro das Donas da ordem de S. Domingos.

*

* *

Mais milagre! Estando uma tarde com o Santo o Padre Frei Geraldo Domingues, a conversação entre os dois estendeu-se pela noite adiante. Quiz o Santo, antes de se agasalhar dar uma volta ao convento e vêr como estava fechado e cercado. Em saindo da cella começou a ouvir uma revolta espantosa de grita e vozes confusas, que parecia soverter-se a caza. E Frei Geraldo que allumiava ao Santo, perdido de medo, deixou cair a vela e caiu meio amortecido. Animava-o o Santo e dizia-lhe:— «Não ha que temer; eu sei o que isto é: algum roubo que me quer fazer o lobo tragador do convento.» E mandava-lhe que fosse accender a véla. N'este passo chegou o superior, Frei Domingos Af-

fonso, «fazendo estremos de sentimento» e dizendo que n'aquella hora era fugido da casa de noviços um moço dos que melhor geito mostravam, estando em vespera de Profissão. E mais dizia que o noviço se fôra desatinadamente e com perigo por cima de um telhado.—«Não me enganou o roubador! respondeu o Santo. Bem lhe conheci os bramidos, mas em vão se alegra com a presa, que, se Deus é servido, eu lhe arrancarei das unhas!» E lançando-se por terra no mesmo logar, começou a orar pelo fugitivo.

Foi tal a efficacia da oração que logo mostrou o successo que foi ouvida. Porque o noviço, sem ninguem o buscar, tornou pelo telhado, e vindo procurar a cella do Santo, deu com elle prostrado em oração, e lançando-se-lhe aos pés, com espanto de toda a communidade, que estava junta, contou que o inimigo o tratara tão apertadamente aquella noite, que, como fóra do juizo, o fizera lançar pelos telhados, sem saber por onde

ia, e buscando depois por onde saltar fora, lhe dera na cabeça uma vertigem que o embaraçara e detivera; e, querendo, todavia, lançar-se do telhado abaixo, lhe acudira Deus por tal modo que, sem saber como, elle mesmo respondia com palavras taes que parecia lh'as davam por escripto, dizendo: — «Aonde vaes, traidor?! Para isto te lançaste aos pés do homem santo, pedindo-lhe que te recebesse na Religião?! Para isto o importunaste que rogasse a Deus por ti?! Ora sus! torna-te a elle, que pae é, tu és filho e não te negará perdão!» Assim dizia, derramando lagrimas e fazendo que todos o acompanhassem n'ellas. Levantou-o o Santo e o levou nos braços, cheio de alegria, como a outro filho prodigo: e não duvidou fazer-lhe profissão no dia seguinte: nem o moço faltou pelo tempo adiante nas esperanças que tinha dado no principio.

Outro caso milagroso! Aconteceu n'aquelle tempo ir o Santo a um Capitulo,

e de volta passar por Samora, onde havia um convento da ordem. Desejou descançar uns dias e recrear o seu espirito com o trato e santidade dos sujeitos que n'elle rezidiam. Achou alli enfermo um seu conhecido antigo, chamado Frei Pedro Fernandes, gallego, de grandes virtudes e antigo amigo de Frei Gil em Santarem e seu filho de confissão. Visitou o Santo o doente e perguntando a um Padre pelo tempo e estado da doença, esse Padre lhe contou que tivera uma visão, cujo sentido não vingara perceber, e fôra que no alto de um monte vira o doente cercado de muita luz e acompanhado de dois mancebos muito gentís. Foi logo o Santo a praticar com o enfermo e lhe disse: —«Boas novas, Padre Frei Pedro! Boas novas vos trago! Alegrar, que é chegada a hora de vos irdes para o céu! Peço-vos que em paga d'ellas saudeis em meu nome a Virgem Nossa Senhora e o nosso Padre S. Domingos.» Assim ficou alegre e alvoroçado o

doente com as vozes da morte, como as poderia festejar da saude perfeita quem muito as desejara: e cheio de prazer dizia:—«Meu irmão Frei Gil, torne-me a dizer isso, que não ha para minha alma gosto igual!» E, tendo recebido os sacramentos, passou da vida com tal serenidade como se passasse de uma cella para outra.

Este caso, succedido em 1260, é referido ao Mestre Geral Humberto, pelo nosso S. Frei Gil.

VIII

...Temos agora as excellentes relações de S. Frei Gil com o rei D. Affonso III. Bem conquistara elle as graças reconhecidas do *Bolonhez!*

Foi á volta de 1246 que o irmão do desventurado D. Sancho, começou a edificação da egreja de S. Domingos, em Lisboa,— a qual, seja dito para confusão dos nossos contemporaneos, ficou terminada em dez annos. Fr. Luiz de Souza refere-se á fundação da egreja «por ser realizada em vista de S. Frei Gil, e visto como não devia importar pouco para El-Rei se resolver em tamanha fabrica, a presença do Santo e o gosto que

mostrava em fazer-lhe honra e favor, como o declara em muitas coisas outras, pelo tempo adiante.»

Valha a verdade que S. Frei Gil não chega a ser ingrato para o usurpador de certo modo fratricida.(1)

Não deixarei de mais amplamente demonstrar a especial satisfação com que o *Bolonhez* praticava, em intimidade com o seu santo amigo, no mosteiro de Santarem.

O amor que o rei tinha pelo santo cresceu com o seguinte acontecimento. Era D. Affonso em sua primeira idade muito inclinado aos exercicios militares de justas e torneios e muito fragueiro nelles, e, quando lhe faltavam, nos da caça e montaria. Esta natureza, ajudada do costume dos francezes, entre quem vi-

(1) D. Sancho II, despojado do throno e desterrado, morreu um anno depois, ralado de desgostos: menos desgraçado, todavia, que D. Affonso VI, outro sacrificado pelo *amor fraternal*, com infamissimas aggravantes.

via, trazia-o «enxuto de membros, são e bem disposto». A consciencia andaria menos enxuta, mas para o remedio lá estavam as praticas no convento: isto não diz o chronista dominicano. mas devem pensal-o á moderna. Vamos, porém, ao acontecimento.

Porque a regencia dos negocios o conservasse fóra d'aquelles execicios, sobreveio-lhe a gôta e demasiada gordura. Visitava-o o Santo algumas vezes, e de uma em que D. Affonso se achava prostrado numa cadeira e alanceado de dores, pediu-lhe o real padecente que lhe valesse, pois tinha na mão o remedio. Ambos estavam de bordão, — o rei por doente e o santo por velho e fraco. — «Troquemos os bordões?» lhe disse o rei. E foi coisa certa e provada que as dores da gôta desappareceram; e tão certo ficou D. Affonso de que da troca lhe procedeu o bem, que por devoção— e cautella — trazia por casa, constantemente, o bordão de S. Frei Gil. E acon-

tecendo entrar no paço, muitos annos depois, «pejado grandemente e quasi manco do mesmo mal da gôta um Pedro Martins Petarino, do seu conselho e alcaide-mór de Ourem, deu-lhe o rei o bordão que trazia e disse-lhe:— «Este tomei a Frei Gil e me deu saude na minha gôta; tambem vol-a dará a vós.» Levou-o o enfermo, e valeu-lhe, como o fizera a El-Rei.

Este segundo caso afigura-se a Frei Luiz de Souza susceptivel de, por algum juizo agudo, ser julgado effeito da adulação. Os juizos rombos não lhe põem duvidas; no entanto, o bom chronista refere ainda outra maravilha, á vista do bordão do Santo, o que elle déra ao rei, este emprestara ao Alcaide.

Na villa de Ourem aconteceu a um Domingos Martins, jantando, pegar-se-lhe na garganta uma lasca de um osso, tão aguda e tenaz, que por muito que porfiou pela lançar ou engulir, nenhum remedio bastou. Vendo que se afogava,

pediu que lhe trouxessem quem o confessasse. Já aqui temos maravilha para um engasgado moderno, mas o chronista acha o caso natural. Ajuntaram-se os visinhos e «houve grande revolta». Outra maravilha: a da revolta á conta da engasgadella! Chegou a nova do desastre a D. Estephania, mulher do alcaidemór; — de medico nem sombra! Tanto que sabe o que passava, toma da mão do marido o bordão do Santo, pertencente ao rei, e manda-o. Não fizeram mais que tocal-o na garganta do doente e logo lançou o osso. Tem-se visto modernamente individuos de triste raça lançarem a peçonha mediante a applicação opportuna de um bordão á cabeça, ou ás espaduas; mas aquella do osso é para assombro e confusão dos impios!

IX

Temos mais extasis, com accessorios maravilhosos. Em 1257, estava já S. Frei Gil a contas com os setenta annos e succedeu-lhe ter ido com outros frades, sendo elle Provincial, prégar aos Mouros (em terras de Hespanha), em obediencia a umas letras do Papa Alexandre IV. Chegou á cidade de Cuenca, onde não existia ainda convento de Dominicanos. Juntou-se alguma boa gente, em torno da novidade do habito, e pediram a Frei Gil que prégasse. Ainda que moido do corpo e do espirito, pela viagem e pelos negocios, não se soube elle escusar á satisfação do pedido. Reco-

lheu-se com cedo, para vêr algum livro. Leu um espaço, passeou outro; por fim deitou-se e metteu a vela, acceza, debaixo da cama (!), mas por modo tal que as pontas dos cobertores e lençoes ficaram pendentes sobre a luz e quasi tocando a chamma. Foram visital-o á cella os frades seus companheiros da viagem e da missão e vendo o enlevado ou dormindo, affastaram-se, sem darem pelo perigo. Mas o caso foi que o Santo amanheceu na postura em que o deixaram á noite e a véla tambem no mesmo estado, *ardendo sem se consumir*, e as pontas da roupa tão proximas da luz que só por manifesto milagre deixavam de arder e de communicar o fogo. Por maneira que consideravam quatro milagres juntos: o primeiro, o rapto de uma noite inteira; segundo, arder outro tanto tempo um pedaço de véla que não tinha alimento para duas horas; terceiro, arder e não se consumir; quarto, estarem sobre o fogo toda uma noite estopa e lã,

sem se queimar, nem crestar, nem sómente se defumar.

Outro caso interessante. Recolhia-se S. Frei Gil para Santarem, pelo norte de Portugal, e isto lhe aconteceu em Arouca, no mosteiro de freiras da ordem de Cister. Pediram-lhe as religiosas que, pois Deus o trouxera por alli, as quizesse consolar com uma pratica espiritual, e sua. Assenta-se á grade do côro, era presente toda a communidade; prégava a gente devota e esposas do bom Jesus: que havia de ser o sermão senão amores e requebros do mesmo Senhor? Foi-os propondo com uns termos tão brandos, uns encarecimentos tão vivos e uma devoção e fervor tanto do intrinseco da alma, que as religiosas, penduradas da santa eloquencia, se iam alheando de si, como em um encantamento de força invisivel. Mas tudo era pouco para o que o Santo sentia em si. Viu-se logo o effeito. Porque como tratara do que experimentava cada dia, e o repetia com o

mesmo gosto e sabor que o sentia e entendia e lh'o communicava o Sol Eterno, foi-se arrebatando n'elle até um ponto em que, alevantando as mãos ao céu, em graças do mundo que deviamos a Deus, só por querer e consentir que o amassemos sendo todo soberano, e nós terra, pó e lodo, ficou como transformado em um penedo, sem voz, sem anhelito e, o que é mais, sem pulso e privado de toda outra operação dos sentidos, os braços e as mãos ao alto, na fórma em que o tomou o rapto, e com o mesmo geito de olhos, bocca e semblante com que ia falando. E assim perseverou algumas horas.

Mas o que lhe aconteceu depois que chegou a Santarem passa por tudo o que se pode dizer n'este mosteiro. Entrou um dia na sua cella Frei Pedro de S. João que o acompanhava e lhe tinha cuidado d'elle, e achou-o «levantado no ar, mais alto que a meza em que estudava,» com as mãos e os olhos no céu. Tirou-lhe

pelo habito, a vêr se o podia descer: como viu que trabalhava debalde, saiu correndo a dar aviso ao Prior Frei Estevão, e, não o achando, tornou com Frei Pedro da Cruz e Frei Affonso de Toledo, que encontrou; mas acharam-n'o já assentado e quieto. Dizia Frei Pedro de S. João que quando entrara da primeira vez lhe vira aberto o livro de S. Dionizio Areopagita, em um logar onde aponta algumas excellencias do amor divino, e, como mestre e experimentado, diz d'elle que enleva e allumia a quem o possue: enleva com suavidade e allumia com luz de gloria. Este Frei Pedro da Cruz tinha ouvido dos extasis ordinarios do Santo, e ficou sentido de não chegar a tempo que o visse em posição tão extraordinaria.

Não passaram muitos dias que se lhe não satisfizesse o desejo. Ficou-se um dia no côro, depois de completas, e tornando já noite cerrada não achou o Santo na cella. Foi ao jardim, senão quando

se lhe offerece á vista um homem, *como phantasma pendurado no ar,* rosto e mãos erguidas ao Ceo. Conheceu quem era, e, todavia, como em coisa nova, ficou cheio de medo, que o Santo poderia cair com perigo: foi correndo em busca do Superior, Frei Martinho Martins, contar-lhe em admiração que acabava de vêr um corpo glorificado em retrato, e pediu-lhe que fossem ambos a descel-o e recolhel-o até ser noite. Assim começaram a martyrisar o Santo, cada um de sua parte, com forças e abalos, até que, emfim, se foi deixando movêr e o trouxeram em braços ao leito, mas não livre d'aquella deleitosa peregrinação dos sentidos.

X

Faz-se mister reforçar com um piedoso e forte contingente de Sobre-natural a crença dos fieis no *bruxo* elevado a *santo*. Aqui temos nós materia, que farte, para robustecimento da crença.

Celebrou um dia Frei Gil em Santarem. Eis que no meio da missa fica subitamente arrebatado, e a cabo de grande espaço «torna rindo e fazendo festas» com uma alegria tão fora do ordinario que deu em que cuidar a muitos Padres *(Pudera!)*. Acabada a missa, fez-lhe perguntas o Prior, pelo que vira e ouvira, e que causa houvera para tal, sendo que, pelo ordinario, elle sempre acaba-

va aquelles santos mysterios com lagrimas e os extasis com queixas e suspiros. Não poude o santo negar nada, a quem inquiria como Prelado, e foi-lhe contando que n'aquella hora se lhe representara e vira com olhos corporaes a alma de um seu grande amigo e grande santo que se ia ao céu, cercado de resplendores de gloria e levado por mãos de anjos. Era este D. Gonçalo Mendes, geral da ordem dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, que exercera o seu cargo com grande virtude e bondade e emfim subira n'aquella hora, a receber o premio verdadeiro. Notou o prior dia e hora e achou que pontualmente elle acabara no convento de S. Vicente em Lisboa.

No tempo em que se edificava o convento de Lisboa, emquanto não havia bastante gazalhado para os religiosos que já assistiam na cidade, prégando e doutrinando, tinha-lhes dado uma dona principal, chamada D. Urraca, um quar-

to das cazas em que vivia, porque alem de ser rica e devota do habito, era mãe de Frei Domingos Martins, que estava na ordem. Vivia na cidade uma mulher honrada que padecia fluxo de sangue havia dezenove annos. Como andassem na bocca do povo as maravilhas que Deus obrava por S. Frei Gil, pediu a D. Urraca que vindo elle á cidade quizesse avizal-a. Passados poucos dias, soube que era chegado; veiu logo a caza, lançou-se aos pés do santo, tomou-lhe o escapulario, beijou-o com devoção, desculpando o atrevimento com a necessidade que padecia e esperança de remedio que a obrigava. Acudiram os religiosos, que eram prezentes por intercessores. Disse o Santo aos Frades:—«Seja Christo Jesus com ella! E a ella disse: —Ide embora, filha! Acuda-vos Deus segundo vossa fé!» Foi-se e ficou san desde aquella hora e de todo o ponto livre do mal.

Dez annos havia que era cazada Ma-

ria Antiocha e julgada já esteril pelos meditos, com quem se tinha cançado e despendido, desejando vêr um filho e successor em sua caza. Determinou buscar o remedio em Deus. Tinha particular devoção com o Padre S. Domingos e a mesma com S. Frei Gil, pelo que d'elle ouvia; foi-se um dia a elle e pediu-lhe com encarecimento quizesse alcançar do Padre S. Domingos se lembrasse d'ella, promettendo a ambos que, se Deus lhe desse um filho, ella lh'o tomaria, dando-o á Ordem. Passados poucos dias, sentiu-se prenhe, teve um filho, chamou-lhe Domingos e cumpriu a promessa, fazendo-o frade.

Correu voz pela terra e acreditou-se logo o milagre como outro em tudo similhante. Tornavam de Sevilha para Lisboa, pela via do Algarve, Frei Martim Gonsalves e Frei Estevão Verdugo. Chegando a Faro, agazalhou-os em sua casa Diogo Affonso, alcaide-mór da terra. Antes de se despedirem, tomou-os

á parte D. Mecia, sua mulher e teve com elles longa pratica, dizendo que desde que se entendera tivera sempre grande inclinação e devoção á religião de S. Domingos e folgara de lhe fazer todo o bem que em sua mão fôra: e de presente era particular devota do padre Frei Gil, e ainda que o não vira nunca, de ausencia o respeitava e venerava como santo, e desejava saber se era verdade o que lhe tinham dito, que por suas orações era Maria Antiocha mãe de um filho... Porque se tal era, não desmerecia ella ao santo e á sua ordem alcançar-lhe de Deus similhante favor, pois estava na mesma necessidade, havendo muitos annos que era cazada, e temia que a falta de filhos fosse cauza de seu marido vir a desgostar-se d'ella, vivendo ambos, em tudo mais, com muita conformidade. Deram os hospedes por coisa certa o que se dizia de Maria Antiocha, e prometteram á nova pretendente serem diligentes procuradores seus, tanto

que chegasse o santo. Quando o viram não foram descuidados; propozeram-lhe a causa e os merecimentos da boa senhora; ajuntaram rogos. Obrigado o santo, disse-lhes que o ajudassem com outros Religiosos que eram presentes a orar por elle, offerecendo a Nossa Senhora a antiphona *Salve Regina*. Rezou-a de joelhos, e disse a oração. E D. Mecia veiu parida de um filho, d'aquelle dia a nove mezes: e, por se desindividar alguma coisa com o Santo, chamou-lhe no baptismo Diogo Gil.

Achando-se Frei Gil no logar da Azoia, perto de Santarem e principiando a fazer uma predica espiritual aos moradores, assentados todos no campo, appareceu junto a elles um gallo e começou a sua natural muzica, mas com tanta impertinencia e destoamento que o Santo lhe arremessou o bordão: e foi tão certeiro que o deixou morto. Recolheu-o depressa um dos ouvintes debaixo da capa,—afim de occultar ao Santo a mor-

te do animal e poupal-o ao desgosto que elle não deixaria de sentir. Acabada a pratica, como o Santo não ouvisse mais o muzico, julgou o que era. Pediu que lh'o trouxessem e, quando o viu, começou-se a culpar de demasiada colera contra um animal irracional, e pondo os olhos no céu, tornou logo, e tocando o gallo com o bordão, disse: — «Eia! levantae-vos d'ahi; tornae ao vosso officio e louvae o Creador!» No mesmo instante o gallo se levantou e, batendo as azas, foi dando saltos e cantando, com espanto e alegria dos circumstantes. A este caso — morte e resurreição do gallo — assistiram Frei Bernardo de Morlans, Frei Bartholomeu Pires, Frei Domingos da Cinceira, Frei Pedro da Cruz, Frei João de Manilla e Frei Jordão Torres, sem contar o publico de camponezes.

*

* *

Foi já a proposito de algumas paginas do meu livro *Santos Portuguezes* que um meu camarada, dos mais sabedores e perpetuamente estudiosos, me accusou de dois delictos profissionaes — um na generalidade e outro na especialidade. E' o primeiro que eu me não desobrigo de lançar a minha pedra, ou mesmo muitas pedras ao edificio da dissolução pelo riso, quando, no entender do meu accusador, eu devera trabalhar nos embargos ao descalabro, á derrocada moral, ou como mais justamente se denomine. Consiste o segundo delicto em eu, pelos modos, observar coisas da Idade Media com os meus olhos de frequentador do Chiado. Tenho razões para declarar injustas as duas accusações.

Nem ao tratar dos *Santos Portuguezes*, nem de S. Frei Gil, em especial, eu

tive contra a respeitabilidade dos meus heroes a sombra de um sorriso impertinente, ou de um pensamento de *dissolução*. E' certo que já se não afaz o meu espirito, volvidos annos de cerrado temporal e de trabalhos publicos de observação, á velha e magestosa maneira dos Prophetas e dos moralistas severos. Nem a convicção de que o Velho Mundo haja de arripiar a carreira em desmoralisação, na agonia do seculo XIX—isto já não é com os Santos,—nem a persuação, ambiciosa até á loucura, de que eu podesse, sequer, ser ouvido nos meus protestos solemnes. Venho narrando o que tenho visto, soffrido, lido, e visto soffrer: e um ou outro sorriso que se me escapa é uma revelação simples do meu fundo de rezignação, e de nenhum modo o proposito de concorrer para apressar uma corrente que se precipita. Quanto a lisonjear o pendor da multidão, por um riso permanente, que posso eu ter, no meu relativo isolamento desejado

e amado, com o escarninho riso alvar das multidões?

Que eu não devo encarar a Idade Media com os meus olhos de frequentador do Chiado. E' precisamente com estes que eu tenho de observar os homens e acontecimentos de antigas eras, porque não me succeda jurar com o depoimento de Frei Bartholomeu Pires, mais de Frei João Manilla e Frei Jordão de Torres, em abono da Morte e resurreição do gallo, ali nos campos da Azoia. Frequentador do Chiado, e juntamente da livraria que eu ahi frequento, foi Alexandre Herculano, e nunca o Mestre historiador substituiu os seus olhos lisboetas e modernos pelos de Frei Domingos da Cinceira, ou de Frei Bernardo de Morlans — para aquilar o Milagre. «Em tudo aquella alma energica de Godo via symptomas de dissolução social!» — d'elle diz Theophilo Braga, e é geralmente conhecido o desfallecimento do crente, nos seus derradeiros prolongados tempos.

Como e porque se dissuadiu o potentissimo espirito singularmente prestigioso? E como e porque devem simular crença nos embargos os seus inferiores, mais abatidos ainda pela prolongação e pela intensidade da *derrocada?* E será na evocação a sério, dos *factos* só extraordinarios pela escuridão dos tempos, ou das *phantasias* que á escuridão se affirmavam factos, que nós devemos firmar as bases de um renascimento? Iremos forragear nas chronicas, em busca de velhos artigos de fé, quando os ideaes da Patria e do Trabalho,— da redempção e da salvação da Sociedade e do Individuo — estão viciados, falseados, gangrenados e a precipitado caminho da perdição?

*

* *

Vamos a «algumas coisas milagrosas que o Santo fez por sua mão.» Juntaram-se um dia na portaria do convento

varios enfermos; entre elles, um tão perdido do mal de olhos que não só os trazia correndo humor continuo e cobertos de nevoa, mas pestanas e sobrancelhas pelladas e comidas, e faltando pouco para cego de todo. Outro, com força de doença e falta de cura, viera a encurvar-se e alcorcovar-se de sorte que não era senhor de levantar a cabeça, nem de olhar direito. Cada um por sua via obrigou ao Santo a compaixão. E detendo-se um pouco, como que cuidava no remedio, mandou ao porteiro Frei João que lhe trouxesse um pouco de azeite, benzeu o com o signal da cruz e uma breve oração e untou os olhos ao cego. Acudiu um Padre, que chamavam o Medico, porque o fôra em secular, reprovando tal genero de mézinha, «visto ser o azeite totalmente contrario á vista:» — «Toda a arte, respondeu o Santo, céssa onde ha fé. Não vos lembra que, contra toda a razão de physica, curou Christo a um cégo, com lodo, e nos dei-

xou dito que quem tivesse fé poderia beber sem damno vasos de peçonha? Pois a este azeite espero e confio eu n'elle que hade dar tal virtude que cure onde costuma a damnar.» E assim foi, porque, untando peito e costas ao contreito, como o fizera aos olhos do cego, ambos se tornaram sãos, um direito e saltando, outro allumiado e gozando os bens de vista clara.

O mesmo effeito fez a mão do Santo, estando em Coimbra, era um moço filho de João Paes, cidadão honrado, que estudava para Clerigo e tinha já beneficio em S. Bartholomeu. Deram-lhe alporcas e tinha o pescoço em tal estado que não podia apparecer em publico. Era o mal rebelde á medicina e d'elle estava incuravel depois de tempo e muito gasto perdido com os medicos. Não faltou quem o aconselhasse que se valesse do Santo. Foi-se a procural-o, deu-lhe conta de si e mostrou-lhe o pescoço. O Santo pôz-lhe as mãos e fez-lhe o signal da

cruz. Sem outro feitio, em poucos dias se lhe veiu a juntar todo o humor venenoso em um logar, onde, supurando deixou o pescoço enxuto e sem grossura, nem pejo, ficando só algumas costuras leves *em memoria do milagre.*

Tambem em Coimbra, uma tal Maria Godinha, filha de Godim Paes, ficou de uma longa doença tão secca e mirrada de carnes que nenhum remedio a fazia tornar em si, e se dava por éthica. Foi levada ao Santo, com um forte accidente de convulsão de todos os membros, e fazendo-lhe Frei Gil o signal da cruz sobre a cabeça, tornou a mulhersinha curada.

Um fidalgo por nome Martim Gonsalves, ainda primo de Frei Gil, quiz um dia festejar o Santo em sua casa, e, como sabia que elle não comia carne apercebeu um esplendido banquete de peixe. Chamou parentes e amigos e procurando que houvesse muita alegria, rogava aos convidados que comessem.

Tanto se preoccupava no bem-estar dos outros, que metteu na bocca uma grande espinha, a qual se lhe ferrou na garganta, de sorte que nem passava nem podia ser lançada. Começou o homem a affligir-se e era geral a consternação, quando o Santo acudiu, estendeu o braço, pôz-lhe a mão na garganta e alli fez o signal da cruz, dizendo ao afflicto homem que tossisse. Tossiu, e logo se despegou a espinha, e ficou quieto.

Isto que a Martim Gonçalves succedeu com a espinha, aconteceu a um pobre homem da Azoia, com um osso. Bebia uma escudella de caldo de vacca, com descuido ou com sofreguidão de pobre faminto, quando uma aguda lasca de osso se lhe cravou na garganta. Empregou o homem todos os esforços para se livrar do apuro, mas taes esforços ainda mais cravaram o maldito osso. Ao cabo de poucos dias, sobreveio inchação, e começou o infeliz a desesperar da vida. Acudiram-lhe os paren-

tes, puzeram-n'o n'uma cavalgadura á porta do covento: pediram que lhes deixassem ver o Santo e dar-lhe conta das suas lastimas. Diz a Historia que se achava com elle Frei Bernardo Morlans e Frei Pedro da Cruz e dando-lhe conta do caso, perguntou o Santo a Frei Bernardo —o que seria bom applicar-lhe, como se determinasse cural-o pelos recursos da Physica. Respondeu-lhe Frei Bernardo: —«Não é este o caso que se cure assim, Frei Gil: o poder da vossa grande fé é que lhe ha de valer, que para remedios humanos já não é tempo.» Mandou, todavia o Santo que lhe dessem uns bocados de pão, a ver se engulindo-os levavam o osso abaixo. Foi tudo inutil, e por fim, recorreu o Santo ao azeite, mas d'esta vez desejou que S. Domingos tivesse as honras do milagre. Ordenou Frei Gil que sobre a cabeça do homem fosse lançada a capa d'aquelle santo, que existia no convento, e eis que subitamente desappareceu a inchação ao en-

fermo e, em seguida a um ataque de tosse, sahiu o osso ensanguentado.

*

* *

Entrara já S. Frei Gil nos oitenta annos de sua idade, foi em 1265, e era-lhe pezada a vida tanto pelos achaques da velhice, como pela ancia com que suspirava por Christo — dizem os bons chronistas dominicanos. Veio então a doença mortal e como os Frades tratassem de physica e medicamentos, dissuadiu-os o Santo: que não perdessem tempo, que a sua hora chegara. E com effeito rendeu o espirito, e ao amortalhar e compor para a sepultura lhe foi achada junto á carne uma cinta de ferro que em Palencia cingira e nunca mais tirara...

Morreu. Cabe agora aos que seguiram os lances d'aquella existencia perguntar se ao espirito do moribundo se não apre-

sentou nos ultimos momentos a pallida visão do rei desthronisado, a agonisar em terra extranha, victima da conspiração dos ingratos, conjugada com as ambições de um quasi fratricida e com a intervenção do Vigario de Christo em auxilio dos conspiradores: se ao velho S. Frei Gil acudiria a lembrança dos beneficios com que a mão e o coração de D. Sancho distinguiram o moço Gil Rodrigues Valladares e o acompanharam sempre em engrandecimento de bens, ou de dignidades: se ao *bruxo* ou ao *santo* foi dado pela infinita misericordia, olhar com espanto, seguido de arrependimento, para o tenebroso quadro da intimação do Papa ao desventurado rei portuguez,— intimação de tal modo formidavel em responsabilidades que *só um homem* ousou emprehendel-a! E esse unico homem — ó desoladora miseria, que humanos fanatisados qualificam de desprendimento! — fora elle, o perpetuamente protegido!

Vive na memoria de todos os que prégam a lealdade o nome venerando de Martim de Freitas, o ultimo servidor de D. Sancho — exilado e perdido. Talvez ao receber em Toledo, no seu sepulchro aberto, o preito final do velho servidor, o cadaver de D. Sancho estremecesse ainda — a impulso da commoção perante aquella fidelidade e estabelecendo confrontações. Confiemos em que o Santo se terá arrependido e em que o Peccador haja sido perdoado!

AS CINZAS DE S. FREI GIL

E' conhecida pelos leitores das *Viagens na minha terra* a phantasia de Garrett ácerca do desapparecimento do cadaver de S. Frei Gil — do convento de Santarem. Não podem subsistir duvidas sinceras no tocante ao paradeiro de taes reliquias. No seu livro *Monumentos e lendas de Santarem*, dá o sr. Zepherino Brandão satisfação completa aos interessados. E' nos seguintes termos:

«Antes da expulsão dos frades de S. Domingos de Santarem, foram estes em procissão ao convento das Donas, acompanhando, de combinação entre as duas

communidades, os venerandos despojos de S. Frei Gil, que deviam ficar sob a guarda e ao cuidado d'aquellas senhoras. Ellas, porém, tiveram de abandonar o convento, por occazião da campanha da liberdade, e a maior parte foi hospedar-se em casa dos marquezes de Penalva, em Lisboa, levando comsigo as reliquias do Santo. Lá as deixaram ficar, quando regressaram a Santarem, ou porque as suppunham alli mais bem guardadas, ou por satisfazerem o empenho dos illustres fidalgos, que muito dezejavam possuil-as, pois S. Frei Gil era ascendente collateral da nobre marqueza.

«Assim se conta em Santarem.

«E' certo que os senhores marquezes de Penalva são possuidores das santas reliquias do seu glorioso parente, mas adquiriram-n'as por intermedio do fallecido visconde de Fonte Boa, quando este foi governador civil de Santarem. Os distinctos fidalgos guardam-n'as no seu palacio em Lisboa, dentro d'um pre-

cioso cofre, mandado fazer para esse fim pelos marquezes, e no qual nós as vimos. A religiosa e exemplar familia Penalva festeja com muita solemnidade, a 14 de maio, o anniversario da morte do Santo, tendo obtido préviamente do cardeal patriarcha D. Guilherme uma provisão para poderem ter culto as reliquias venerandas do nosso S. Frei Gil. (1)

---

(1) Ao entrar no prélo este livro recebo do sr. Antonio Thomaz Pires, o benemerito estudioso d'Elvas, a seguinte nota, que muito lhe agradeço :

«Em Portugal ha ainda parentes de S. Frei Gil : a ex.ma Senhora Viscondessa de Balsemão (D. Henriqueta) e a ex.ma Senhora Condessa de Tarouca. O ultimo Marquez de Penalva (pae d'aquella senhora Viscondessa e avô da senhora Condessa) mandava celebrar em todos os annos, no mez de maio, uma festividade religiosa em honra do Santo, e por ser seu parente. Algumas vezes foi realisada essa festa na egreja da extincta cathedral elvense, quando o Sr. Marquez, com sua Familia, vinha veranear no seu palacio de Elvas; e a imagem de S. Frei Gil era trazida de Lisboa pelo Sr. Marquez.

VARIOS FREI GIL

Como houvesse noticia de eu escrever ácerca de S. Frei Gil, e no honrado intuito de acudir com subsidios valiosos á minha provavel indigencia em apertos, enviou-me um estudioso collega algumas informações bibliographicas ácerca do meu heroe. Entre ellas, menciona o bondoso informador, como trabalho do meu Gil Rodrigues Valladares, a *Satisfação Apologetica*, controversia com o Padre Fr. Antonio da Purificação, eremita de Santo Agostinho. Ora, a controversia em questão teve origem e desenvolvimento em meiados do seculo dezesete; a *Satisfação Apologetica* foi mesmo

publicada em 1651. Attribuir similhante publicação ao S. Frei Gil, que floresceu nos seculos doze e treze, poderia ser grosseira mystificação, da laia de outras em que teem por vezes naufragado escriptores de real valia, se me não parecesse antes sincera confusão. Menos precipitadamente, o meu estimado informador veria, — por exemplo, na *Bibliotheca Luzitana*, — que o auctor da *Satisfação Apologetica* é Fr. Gil de S. Bento, natural de Vouzella, como S. Frei Gil, e alli nascido em fins do seculo dezeseis. Foi benedictino; a *monachal cogulla* vestiu-a Fr. Gil de S. Bento no convento de Tibães em 20 de janeiro de 1615. Escreveu prosas e versos e foi altamente conceituado, por seu saber e virtudes. Falleceu em 1664, no convento de Jeronymos, de Santa Marinha, junto a Guimarães, quando alli consultava os archivos do mosteiro.

E, pois que facilmente se confundiu o dominicano S. Frei Gil com o benedicti-

no Fr. Gil de S. Bento, não se me afigura inutil deixar aqui um registro de diversos Fr. Gil, como estorvo a futuras complicações. E assim podemos nós accrescentar aos dois varões indicados mais os seguintes benemeritos:

Frei Gil, cujo appellido se desconhece, natural de Lisboa, onde nasceu em fins do seculo dezeseis, vindo a fallecer em 1640, no convento de S. Francisco da Guarda. Foi musico notavel, discipulo do «grande mestre Duarte Lobo.» Deixou muitas obras musicaes: missas, psalmos, etc.

Pertenceu á Terceira Ordem Seraphica da Penitencia.

Temos, mais, Fr. Gil Correia, de quem as melhores chronicas ignoram o instituto religioso. Tampouco nos dizem a epoca da sua existencia, mas sabe-se que escreveu *De Regimine Principum*, obra que foi vertida em portuguez pelo illustre e desventurado infante D. Pedro, filho do rei D. João I. Seria talvez coê-

vo do fundador da dymnastia de Aviz.

Temos Fr. Gil Eannes, monge cisterciense do seculo dezeseis, natural de Coimbra. Foi chavão em Theologia Moral.

Fr. Gil de Leyria, monge professo do convento de Alcobaça, e natural d'aquella cidade. E' dos seculos onze e doze, e ha d'elle, escripto em 1209, um *Vocabulario para instrucção dos costumes.*

Não tenho noticia de outros *Frei Gil;* mas vem a proposito dizer que, de trabalhos do meu heroe, como escriptor, o erudito Barboza Machado apenas nos informa de que elle «compoz, além de outras obras que desappareceram, granparte do livro *Vitæ Fratrum*, attribuido a Frei Humberto, Mestre Geral da Ordem dos Prégadores.»

APPENDICE

AO LIVRO

SANTOS PORTUGUEZES

A

No jornal *Novidades*, de 15 de junho de 1895, vem a seguinte emenda indispensavel a uma pagina do meu livro *Santos Portuguezes*. Aqui reproduzo tal emenda, á falta de segunda edição do mencionado livro:

«*Meu caro amigo* — Diz-me um ecclesiastico das minhas relações, e creio que das de v. —«que parece haver nos meus *Santos Portuguezes* obra de perfidia.» Não me auctorisa o alludido padre a divulgar o seu nome, nem a provar-lhe publicamente a iniquidade da accusação. Supponho que a *perfidia* consiste no respeitoso carinho que eu tributo no meu livro aos meus heroes. A obra seria de lealdade, se eu vituperasse «os que já eram *santos* por suas virtudes, antes

que os canonisasse a Egreja.» Tenho entendido.

Não me apparece em accordo com o meu reverendo patricio, no tocante á perfidia do livro, a importante revista hespanhola *El Movimiento Católico*, a qual, em seu numero de 10 do corrente, se refere a *un brillante fragmento de la obra, interessante para la historia ecclesiastica de España*, e chama para o livro a attenção dos seus leitores—especialissimos no assumpto indicado. Vá isto sem vangloria, mas como annotação á injustiça do meu critico.

E já agora, deixe-me v. annotar um lapso que se introduziu no meu livro e que escapou aos descobridores de perfidias. E' nas passagens relativas a Santo Antonio, quando eu digo que chegaram a Coimbra cinco individuos que em Marrocos soffreram martyrio e milagrosamente escaparam. Não eram cinco individuos, mas as suas reliquias. O culpado d'este lapso é o meu jesuita Jean Croiset, quando no seu *Anno Christão* me diz que se inflammou o seu zelo de Franciscano, *á vista d'aquelles illustres martyres*. Melhor diria das *illustres reliquias*, ou das *reliquias dos illustres* (V. a traducção castelhana, pelo jesuita José Francisco de Isla).

E' certo que me advertiram, quando eu

revia prova do lapso, de que, entre os diversos biographos de Santo Antonio, se distinguia o rev. F. Thomaz de Brito, opinando pelas reliquias, e tanto mais que no seu livro recente apresenta, em gravura, um burro, carregado de taes restos venerandos. Não me escapou o burro no livro do sr. padre Brito, mas não dei attenção ao que elle levava; e só reconheci o lapso, quando n'um livro do historiador Stephens, ha pouco traduzido do inglez pelo meu amigo Silva Bastos e prefaciado por Oliveira Martins, se me deparou a passagem das reliquias, procurando eu outra coisa.

Emfim, era isto o que ao iniquissimo detractor da minha lealdade cumpria ter annotado; mas tenho presente, para o caso, uma observação de Camillo Castello Branco, á conta d'um meu velho erro em citação latina. Dizia-me o inolvidavel mestre: — «Você errou, mas não lhe dê cuidado: os outros ainda sabem menos que você!»

Por aqui me fico, e creia-me sempre

amigo e collega obrigadissimo

Silva Pinto.

B

A pag. 178 do livro *Santos Portuguezes*, lê-se em relação a S. Frei Gil:

«Nobre, do concelho *(sic)* de el-rei D. Sancho I, etc.»

Ha uma lacuna de composição e revisão, as quaes não foram idealmente perfeitas n'esse livro. Deve lêr-se: «Nobre, filho de Ruy Pires de Valladares, do conselho d'el rei D. Sancho I, etc.»

Tambem se diz, n'aquella breve noticia, que os restos de S. Frei Gil se acham no mosteiro de S. Domingos, de Santarem. O presente livro offerece a devida emenda.

C

Vejo pela primeira vez citada a hypothese de uma Santa Iria do Minho, irmã de S. Damaso, á qual, segundo o sr. Zepherino Brandão (no seu livro já por vezes citado) se deve referir a xacara:

Estando eu á janella, com a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata.

Até agora eu só havia conhecimento de Santa Iria de Santarem, á qual se referem os srs. Theophilo Braga, Leite de Vasconcellos, Sylvio Romero, Adolpho Coelho, Alvaro d'Azevedo, Estacio da Veiga, etc., nos seus estudos e variantes apresentados sobre o romance de Santa Iria, como a pag. 217 a 222 dos *Santos Portuguezes* o deixou assignalado uma nota do meu camarada e amigo sr. Armando da Silva.

Apurando informações relativas a S. Damaso, para a formação das pag. (77 a 82) dos *Santos*, relativas áquelle filho de Guimarães, não encontro a minima referencia a sua irman — a Iria minhota, — nem em Vazeu, nem em Ambrozio de Morales, nem em Julião Pires, nem em Onufrio, nem em Flavio Dextro, nem em Jean Croiset, nem finalmente no meu querido *Jardim de Portugal*, do bom e doutissimo Frei Luiz dos Anjos. Cito, porém, a beneficio do inventario, a hypothese do estimavel chronista de Santarem. (1)

---

(1) Já no prelo este livro, depara-se-me, em abono da hypothese do sr. Z. Brandão o seguinte:

«Entre os nomes egregios das «illustrações» de Guimarães, cabe ao Papa S Damaso — *com sua irman Santa Iréne* — o degrau supremo da gerarchia.»

(*Monumentos epigraphicos de Roma exalçadores da memoria do Papa S. Damaso, prodigio vimaranense*, op. por Pereira Caldas, Braga, 1879; pag. 5).

E mais nada.

D

Ao sr. Antonio Thomaz Pires, indefesso folk-lorista, rezidente em Elvas que tão valiosos subsidios me offereceu para os *Santos Portuguezes*, devo ainda os seguintes, por elle recolhidos da tradição popular e que não chegaram a tempo de se enfileirar n'aquelle livro, com os predecessores. Vão hoje n'este appendice:

SANTA THEREZA

ROMANCE

1.ª VERSÃO

Santa Thereza de Jesus
Fez voto de castidade,
Teve amores verdadeiros

Jesus com quem fallava.
O Senhor lhe appareceu,
Em pobre se converteu,
A' portaria bateu,
Pedindo uma esmola a Thereza
A Santa, compadecida,
Inflammada em caridade,
Pesou-lhe n'alma e na vida
Em o pobre vir tão tarde;
O seu coração lhe dizia
Que ao refeitorio tornasse,
P'rá ver se havia algum pão
Para dar aquelle irmão.
Correu Thereza ao refeitorio,
Achou-o cheio em quantidade,
Escolhendo da melhoria
O seu santo regaço enchia;
Disse a Santa com alegria:
— Tomae, tomae, irmão meu,
Já que Deus vos deu,
Mais a sagrada Maria.
Eu vos peço por humanidade,
Que venhaes aqui cada dia,
Que vos quero, na verdade,
Dar a vossa caridade,
Aqui n'esta portaria.
O Senhor lhe respondeu
Encobrindo a sua alteza:
— Quando eu aqui tornar

Por quem hei de perguntar?
A Santa por não faltar:
— Por Thereza de Jesus.
O Senhor lhe respondeu,
Descobrindo a sua alteza:
— Vós sois Thereza de Jesus,
E eu sou Jesus de Thereza.—
Ditas as santas palavras
O Senhor desappareceu,
A Santa ficou em gloria
Toda enlevada aos ceus.

2.ª VERSÃO

Dá-nos, Supremo Senhor,
Vossa graça com tristeza,
Ouvi do ceo uma flôr,
Cheia do vosso amor,
Da amada Santa Thereza.
Santa que foi precedida
De uma illustre geração,
Da nobre á parte é nascida,
E por Deus escolhida,
Mestra na santa oração.
Com viva fé e humildade
Fez voto de castidade,
E se empregava de *contino*
A Deus, ó esposo divino.
Linda flôr religiosa,

Teve amores verdadeiros,
Fundoura e protectora,
Santa de que é esposa,
E' de trinta e dois mosteiros.
A's suas santas habitações
Lhe vieram mil relações,
Lá dos imperios do ceo;
E o Senhor por encobrir sua alteza
A' portaría bateu,
Pedindo esmola a Thereza;
Thereza compadecida,
Peza-lhe n'alma e na vida
Em este pobre vir tão tarde,
E em ter dado o que havia;
Mas o coração lhe dizia
Que ao *refretorio* tornasse,
P'ra ver se tinha algum pão
Para dar áquelle irmão
Devo começar p'la verdade,
Achou cheio o *refertorio*,
De comer em quantidade;
Ella o seu regaço enchia
Do mantimento que havia,
E ao seu irmão dizia:
— Tomae, que Deus vol- dá,
Só vos peço, com humildade,
Que vindes aqui cada dia,
A esta portaria,
Que vos quero na verdade

Dar a vossa caridade.—
E o Senhor por não faltar:
— Por quem hei de perguntar?
— Por Thereza de Jesus.
— E eu sou Jesus de Thereza.
O Senhor desappareceu;
Thereza com gloria santa
Toda enlevada aos ceos.
Quem d'isto tiver memoria
De Jesus Christo alcançará a gloria.

3.ª VERSÃO (1)

Dae-nos, Supremo Senhor,
Vossa sagrada consistencia,
A mais suprema flor
Foi a madre Santa Thereza.
Santa que foi procedida
D'uma illustre geração,
Fundadora e protectora
De oitenta e dois mosteiros.
Esta santa religiosa
Teve amores verdadeiros,
Um d'elles de quem era esposa,
O Senhor lhe appareceu,
Encobrindo suaalteza,

(1) Esta foi recolhida em Elvas, pelo sr. José Joaquim Ferreira.

Pedindo esmola a Thereza;
E a Santa, compadecida,
Inflammada em caridade,
Peza-lhe n'alma e na vida
Em já ter dado a comida,
E este pobre vir tão tarde;
Mas o coração lhe dizia
Que ao refeitorio tornasse,
A ver se achava algum pão
Para dar aquelle irmão,
A quem mandou que aguardasse.
O Senhor lhe fez a vontade,
Porque em tudo é notorio
De Thereza a caridade;
De comer em quantidade
Achou cheio o refeitorio;
E a Santa com alegria,
O seu regaço enchia,
E para o pobre dizia:
—Tomae, irmão, que Deus vol-'o dá,
Eu vos peço com humildade
Venheis aqui cada dia,
Vos quero dar a caridade,
Aqui n'esta portaria.—
Disse o pobre, por ter luz:
—Por quem heide perguntar?—
E a Santa, por não faltar:
—Por Thereza de Jesus,
Por mim podeis procurar.—

E a Santa lhe procurou
Como o pobre se chamava.
— Eu sou Jesus de Thereza. —
Dita a palavra santa,
O Senhor desappareceu,
E Thereza com gloria tanta
Ficou enlevada ao ceo.
Quem d'isto fizer memoria,
Santa de Deus tão querida,
Peça á divina alteza,
Que no ceo terá gloria,
Com Jesus e Santa Thereza.

SANTA IZABEL

ROMANCE (1)

Rainha Santa Izabel,
Mulher d'el-rei D. Diniz,
Muitas esmolas que dava
A ninguem as entregava,
P'las suas santas mãos as dava.
Um dia lhe aconteceu,
Indo c'o seu regaço occupado,
Com el-rei se ha encontrado,
E elle lhe ha perguntado:

(1) Recolhido em Campo Maior, pelo sr. Antonio Thomaz Pires.

— O que levaes, Senhora,
No vosso regaço?
— Levo cravos e rosas,
P'ra vosso desenfado.
— Cravos em janeiro
São maravilha achados. —
A santa se humildou,
Seu regaço lhe amostrou,
Uma capella de rosas
Outra de cravos achou.
Um dia lhe aconteceu
Ir ó seu palacio pedir
Um pobresinho leproso
Com cinco chagas abertas;
Dizei-me, ó meu irmão,
Se vosso mal não tem cura?
— O meu mal não tem cura,
Nem será remediado;
Eu vos peço, Senhora,
Que por vossas santas mãos
Meu corpo seja lavado. —
A santa, que isto ouviu,
O' seu quarto o levou,
N'uma bacia de prata
Seu santo corpo lavou,
Com 'ma toalha bem fina
Seu santo corpo limpou,
Na cama onde el-rei dormia
Seu santo corpo deitou.

Um cavalleiro, que isto viu,
Foi mui triste e fatigado:
— Saiba Vossa Magestade,
Saiba Vossa Senhoria,
A Rainha minha Senhora
Pela clemencia que ousou,
Um pobresinho leproso
Na vossa cama o deitou. —
El-rei, que isto ouviu;
Foi mui triste e fatigado;
— Basta, ó minha senhora,
Pela clemencia que ousaes.
Um pobresinho leproso
Na nossa cama o deitaes. —
A santa, que isto ouviu,
Os seus olhos pôz no ceu,
Os seus joelhos na terra.
El-rei as corrediças correu,
Um senhor crucificado achou:
— Agora vos digo, senhora,
Minha c'roa podeis dar,
O meu thesouro empenhar,
Para dar aos peregrinos,
Que eu contente hei de ficar.
Em Saragoça nascida.
Em Estremoz fallecida.
Nas freiras de Santa Clara
Enterrada.

Vem a proposito destacar dos Elementos para a *Historia do Municipio de Lisboa*, de Eduardo Faria de Oliveira a Carta Regia, dirigida pelo rei D. Filippe II em 30 de Julho de 1608 ao Senado Lisbonense, ácerca da Canonização de Santa Izabel. Réza assim o importante documento:

«Prezidente amigo, etc. — Eu tenho mandado fazer relaçois da vida e milagres da Rainha Santa Izabel, para com ellas pedir ao Santo Padre a Canonização d'esta Sancta, que n'esse Reyno se deseja e prettende tanto. E porque estão acabadas e conuẽ que se não perca n'isto tempo e que juntam^te^ com o que sobre a matteria escreuo a Sua S.^de^ o faça tambem essa Cidade, como cabeça do Reyno, tertificando suas muitas e grandes Virtudes e a deuassão que elle lhe tem por sua Sancta Vida e milagres, que Deus, por seus mereçimentos, tem obrado e obra cada dia, e o muito que se deseja sua canonização, e grande affecto com que se pede vos encommendo muito q̃ n'esta sustançia escreuais logo a Sua S.^de^, e me enuieis a carta por via do Marq.^z^ Viso Rey, com toda breuidade.» .

O compilador dos Elementos diz, em nota, que a importancia da camara de Lisboa, assim reconhecida pelo rei D. Filippe II em consequencia da energica tenacidade e alturas com que zelava os direitos, previlegios e bem estar de todo o paiz. Compare-se com a miseria a que chegámos...

E

SANTO ANTONIO

E' notabilissimo o tributo pago pelo povo de Serpa ao famoso thaumaturgo portuguez. N'um capitulo sobre a *Linguagem e Tradições Populares da villa de Serpa*, publicado na *Revista Lisitana*, — archivo dos estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal, dirigida pelo sr. J. Leite de Vasconcellos, — fornece o sr. M. Dias Nunes interessantes apontamentos ácerca do culto tributado ao nosso Santo n'aquella povoação do Alemtejo, e bem assim nos apresenta numerosas canções populares que com a devida venia ao compilador

e á *Revista Lusitana*, a meu turno apresento ao publico dos *Santos Portuguezes*:

*

* *

«Em Serpa, como em todo o nosso país, o Santo Antonio de Lisbôa é o mais querido e festejado de quantos santos e martyres o calendario reza.

Certamente, devido ao importante papel de casamenteiro, que a lenda popular lhe conferiu, as senhoras ainda novas professam pelo thaumaturgo português uma devoção tão viva, um culto tão entranhado, sincero e profundo, que sómente as abandona e desampara... quando lhes bate á porta o casamento.

*

«São promovidos pelas raparigas do campo os principaes festejos, seculares e religiosos, que nesta villa se realizam em louvor do milagroso santo. Correspondentes ás igrejas denominadas de S. Salvador, Santa Maria, S. Paulo e S. Francisco, desde tempos remotos que existem aqui quatro irmandades

— aliás constantemente renovadas nos seus elementos — compostas por grande número de raparigas solteiras, d'entre as quaes sahem quatro respectivamente a cada irmandade, para os cargos de *juiza*, *escrivôa*, *thesoureira* e *mordôma da cera*,— cargos que apenas duram um anno e se transmittem consoante a vontade e affeição pessoal das *eleitas*. E' a estas que compete angariar os fundos necessarios para occorrer a todas as despesas. Que afan e sollicitude e, ao mesmo tempo, que garbo e gentileza com que ellas, as formosas *eleitas,* sóem desempenhar-se de tão difficil e para ellas tão honrosa missão! Elegantemente vestidas com os seus graciosos trajos campesinos, as guapas moçoilas serpenses — riso brégeiro e olhar tentador — andam de casa em casa, em perfeita azáfama, pedindo — alguma coisa p'ra ajuda da festa do padre *Sant'Antonio*. Esta peregrinação começa no 1.º de junho e só termina no dia 12.

Em regra a colheita costuma ser bôa e está sempre na razão directa da belleza das pedintes.

A' quantia obtida pelo meio que acabâmos de referir junta-se ainda o producto de diversos objectos, taes como: ovos, vellos de lã, queijos, cordeiros, pombos, cantaros de

aseite, de leite e de mel, offerecidos por mera devoção ou para pagamento de alguma promessa; porque o *glorioso santo*, além de patrôno das namoradas, tambem é advogado contra as tentações do demonio, e deparador das coisas perdidas.

E lá me esquecia de relatar mais duas fontes de receita: uma diz respeito aos peditorios, feitos em devido tempo e occasião opportuna, pelos lagares de aseite, eiras, diversos moinhos do Guadiana, hortas, etc.; a outra, conhecida pelo nome de «rendimento da bacia,» consta das esmolas de dinheiro que os fieis, ao visitarem as igrejas, depositam numa pequena bacia de arame, guardada por duas *irmãs*, e que se costuma collocar em cima de uma mesita á entrada dos templos. Que não falte este pormenor: tambem sobre a tal mesita, alumiado por duas velas, se exhibe um Santo Antonio em miniatura.

Em 31 de maio, dia antecedente ao inicio da trezena que é da praxe rezar, as quatro *eleitas*, acompanhadas pelas irmãs mais devotas, procedem á remoção do santo, da respectiva capella para o altar-mór, e alli deixam ficar a imagem do adorado frade em meio de um bosque de cravos e rosas. No adro erguem um mastro vestido de verdura,

tendo no topo o distico — Viva Santo Antonio. A' noite, á porta da egreja — dá-se a alvorada, que é executada pela irmandade com o concurso de numerosos rapazes. Esta cerimonia consiste apenas num simples descante; todavia não posso deixar de a proclamar interessante e deliciosa, attenta a belleza das canções entoadas num rhythmo suave, merencorio, arrebatador. Aqui dou todas as que tenho ouvido, sentindo que não seja possivel publicar neste mesmo logar a musica que lhes é inherente.

O que fica escripto convem a todas e a cada uma das alludidas irmandades.

CANÇÕES

Ora viva, ora viva...
Viva o Sant'Antonio! e viva! *(bis)* (1).

I

Sant'Antonio de Lisboa
Não quer que lhe chamem santo: *(bis)*
Quer que lhe chamem soldado,
General-mestre-do-campo. *(bis)*

(1) Estribilho, que se repete no fim de cada canção.

II

Oh meu padre Sant'Antonio,
A vossa capella cheira...
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira a flôr de laranjeira (1).

III

Do altar de Sant'Antonio
Até ao de S. Francisco
Tudo são cravos e rosas
Postas pela mão de Christo.

IV

Sant'Antonio é bom filho
Que livrou seu pae da morte.
Tambem nos ha de livrar
D'esta batalha tão forte.

V

O' meu padre Sant'Antonio,
Companheiro do Senhor,
E's o palmito das moças
E do ceo resplendor.

(1) Em todas as quadras se repete o 2.º e 4.º versos.

VI

O' meu padre Sant'Antonio,
Eu peço com alegria,
Que me dê satisfação
P'ra festejar o seu dia.

VII

Sant'Antonio tem um menino,
Não porque seja casado:
Foi um menino que achou
Nas ondas do mar salgado.

VIII

O' meu padre Sant'Antonio!
O' meu santo milagroso!
Eu adoro Sant'Antonio,
Por ser bonito e formoso.

IX

Do altar de Sant'Antonio
Até ao de S. João
Tudo são cravos e rosas
Postas pela sua mão.

X

O' meu padre Sant'Antonio,
Vou-lhe pedir um milagre:
Que case as suas devotas...
Se é da sua vontade.

XI

No altar de Sant'Antonio
Está um ramo de açucenas,
Onde vão as namoradas
Dar allivio ás suas penas.

XII

No altar de Sant'Antonio
'Sta um lindo damasqueiro:
Dá damascos de milagre,
Não se vendem por dinheiro.

XIII

Sant'Antonio é meu pae,
S. Francisco é meu irmão
Os anjos são meus parentes...
Ai! que linda geração!

XIV

Sant'Antonio está chorando
Porque quer uns sapatinhos.
Calle-se ó meu Sant'Antonio,
Que lhes faltam os saltinhos.

XV

O meu padre Sant'Antonio
Faz milagres, que ventura!
Diz-me, santo, onde guardaste
Tua santa sepultura.

XVI

S. Pedro perdeu as chaves
(Não foi á falta de juizo);
Sant'Antonio lh'as depare,
Que são as do Paraiso.

XVII

Sant'Antonio do outeiro
Tem uma estrella na testa,
Que lhe fizeram os anjos
No dia da sua festa.

XVIII

No altar de Sant'Antonio
'Stá ũa linda cerejeira:
Póde-se dar por dictoso
Quem lhe colher a primeira.

XIX

Indo eu p'ra Sant'Antonio,
Encontrei-o no caminho:
N'uma mão levava a cruz
E na outra o seu menino.

XX

Eu hei de ir a Sant'Antonio,
De joelhos pelo chão...
O' santinho da minh'alma,
Despachae-me a petição!

XXI

O' meu padre Sant'Antonio,
Casae as vossas vizinhas,
Que tambem estas penteiam
Vossas santas carapinhas.

XXII

A 13 do mês de junho
Sant'Antonio se *demove*,
S. João a vinte e quatro
E S. Pedro a vinte e nove.

XXIII

Onde estará Sant'Antonio,
Que não está na sua egreja?
Anda de mastro em mastro
Para vêr quem o festeja.

XXIV

Sant'Antonio é bom santo,
Que livrou seu pae d'arganos;
Tambem nos ha de livrar
Do poder dos castelhanos.

XXV

O meu padre Sant'Antonio
E' santo de capuchinho.
Eu quero ir para a gloria:
Santo, ensinae-me o caminho.

XXVI

O' meu padre Sant'Antonio!
Meu santo casamenteiro!
Casae as *eleitas* todas,
E a *juiza* primeiro.

XXVII

Sant'Antonio milagroso,
Santo de muitos milagres,
P'ra casar as moças todas,
Fazei isso que vós *sabes*.

XXVIII

O' meu padre Sant'Antonio,
Pedi a Virgem-Maria
Para guardar os devotos
Que lhe guardam o *seu* dia.

XXIX

Onde estará Sant'Antonio,
Que não esiá na sua igreja?
— Anda fazendo milagres:
E' o que o santo deseja.

XXX

O' meu padre Sant'Antonio,
A' petição dae sentido:
Entregae-me o meu menino,
Que estava no mar perdido.

XXXI

Onde estará Sant'Antanio?
Onde estará? Onde iria?
— Foi a pular as fogueiras
Que se accendem no seu dia.

XXXII

Oh meu padre Sant'Antonio
Que estaes com tanta alegria
Com os festeiros de roda
Dando vivas ao *seu* dia!

XXXIII

Sant'Antonio de Lisbôa
Não tem velas no altar.
Se eu me casar este anno,
Hei-de lh'as ir lá levar.

XXXIV

Sant'Antonio 'stá no ceu,
Na gloria do mesmo Deus;
Mesmo de lá 'stá rogando
Pelos que são servos seus.

*

No dia 12, vespera da festa, de tarde, ha o costume de ir ás hortas a comer fructa e fazer capellas destinadas ás creanças, capellas tecidas de mentrasto e adornadas com ameixas, ginjas, soromenhos, etc.; e á noite, ao vivo clarão das fogueiras de alecrim que crepitam pelas ruas, e ao som alegre e festivo dos sinos visitam-se as igrejas, illuminadas com profusão de balões venezianos e inteiramente cobertas de verdura, — arcos de chorão matisados de rosas, rosas de herva de anjinho (artimisia), de cravos de defuncto (topasios), de valverdes, etc.

Ha tambem numerosos bailes populares, e os descantes pelas ruas duram até de manhã.

A fava frita e os tremoços são, nesta noite, gulodices indispensaveis em todas as casas.

Em 13, de manhã, verifica-se a festa reli-

giosa e vendem-se os *ramos*; realizando-se, á noite, novos bailes e novos descantes populares.

Um facto curioso, para concluir: Algumas raparigas, quando julgam demorado o casamento, e no intuito de o apressarem. suspendem de uma corda a imagem de Santo Antonio que, de cabeça para baixo, mergulham num poço, prolongando o banho até que se effectue o milagre, isto é, o casamento (1). Observam-se noutros pontos do país costumes semelhantes.»

(1) A proposito. não me recordo agora de quê, já tenho ouvido aqui dizer:

Santo Antonio num poço,
Com agoa 'té ao pescoço.

F

S. JOÃO DE DEUS

No *Boletim Ecclesiastico da diocese d'Elvas* (Anno 1; Numero 5; maio 1897) depara-se-nos a seguinte nota, interessante, devida ao sr. Henrique d'Andrade. Vem enriquecer os apontamentos que constam dos *Santos Portuguezes*, — e deveras a agradeço ao cavalheiro que m'a facultou.

E' a seguinte:

«No dia 16, pelas 11 horas da manhã, celebrou-se na Sé d'Elvas, a expensas do cofre municipal, uma solemne festividade em honra de S. João de Deus, como voto pela extincção da praga dos gafanhotos, que infes-

tou os campos d'esta cidade em 1756, no mez em que as messes e arvoredos se infloram, para mais tarde se desentrôcharem em fructos copiosos.

Historiemos a largos traços.

Era imminente a calamidade. O terror havia invadido o espirito de nossos avós, e a fome, com todo o seu cortejo de horrores, começava já de representar-se-lhes na mente. O governador das armas d'esta provincia, então marquez de Tancos, que tinha de prover á subsistencia de seus soldados, assustado com a intensidade da epidemia, officiava á vereação, rogando-lhe providencias. O povo afflicto pedia em altos brados remedio contra tão grande mal. Os representantes do povo estudavam os meios de attenuar os perniciosos effeitos do flagello, mas nenhum seguro lhes occorria.

Consta do archivo municipal que um dos meios, posto em execução, foi uma derrama pelos habitantes da cidade e seu termo, sem excepção nem privilegio. Durante o praso de oito dias, todos foram obrigados a apresentar o seguinte tributo: *meio alqueire de gafanhotos, os mechanicos; um alqueire, os nobres.* Apesar, porém, do extremo d'estas medidas, o flagello recrudescia. Foi então que nossos avós, desesperados de qualquer auxilio ter-

reno, volveram os olhos para o céo e relembraram a intercessão de S. João de Deus, cuja imagem foi levada processionalmente até aos campos, acompanhada do cabido, camara municipal, auctoridades militares e enorme concorrencia de povo. Por tres dias successivos se continuaram as devoções a S. João, e o caso é que no fim d'elles, o flagello desappareceu, e os campos como por encanto, em breve tomaram a feição caracteristica que tem no mez de maio.

Intencionalmente dissemos acima *relembraram* a intercessão de S. João de Deus, porque a sua invocação, como advogado contra os gafanhotos, é anterior ao voto de 1756.

Em vereação de 14 de maio de 1739 se delibera «mandar deitar pregão para que toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, ponha luminarias no dia 16 d'este presente mez, á noite, ao Senhor S. João de Deus com pena de dois mil réis pagos da cadeia.»

E anterior a este documento encontrâmos no livro 6.º das proprias da camara d'Elvas, a pag. 236, a seguinte carta regia:

«D. Pedro por graça de Deus, Princepe de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa e de Guiné, etc.

«Como regente e governador dos ditos reinos e senhorios, Faço saber a vós juiz, vereadores e procurador da camara da cidade d'Elvas, que vi a carta que me escrevestes sobre vos conceder licença para que de qualquer dinheiro, que administrardes se façam os gastos da festa do bemmaventurado S. João de Deus, e, visto tudo o que dizeis, hey por bem que façaes procissão com missa e prégação, sem que possaes levar propinas, e este custo se fará dos bens d'esse concelho. O Principe Nosso Senhor a mandou pelos Doutores Pero Ferz. Mont.º e Manoel de Magalhães de Menezes, ambos do seu Conselho e seus Dezembargadores do Paço. Miguel Vieira a fez em Lisbôa, aos 6 d'Agosto de 1672. Francisco Pereira de Castelbranco a fez escrever. (Assignados) Pero Ferz. Mont.º e Manoel de Magalhães de Menezes.»

E' por tanto indubitavel que o voto já existia em 1756, e que a calamidade d'este anno só o fez renascer e afervorar.

O solo da cidade eterna continúa a proporcionar agradaveis surprezas aos archeologos e historiadores; das suas entranhas, á proporção que a enxada as põe a descoberto, brotam documentos preciosos, relativos aos primeiros seculos da era christã.

As investigações fazem se parallelamente no campo profano e no campo sagrado. No primeiro opera-se por conta do governo italíano, e as descobertas feitas n'estes ultimos annos por M Boni, no *Forum* romano, interessaram vivamente o mundo sabio. Não menos interessantes são as descobertas feitas pela commissão pontificia de archeologia christã, a qual se dedicou á exploração das catacumbas que formam uma vasta zona cimiterial em redor de Roma.

Como se sabe, foi J. B. de Rossi o primeiro que organisou as excavações segundo um plano methodico. Os discipulos vão continuando a obra do mestre e os resultados obtidos são dos mais notaveis. Assim, as catacumbas chamados de Santa Priscilla, na via Salaria, teem dado nas excavações um sem numero de documentos que remontam aos primeiros tempos do Christianismo N'estes ultimos tempos, numa direcção opposta, não longe da via Appia e das celebres catacumbas de S. Callixto, descobriu-se a crypta

familial do famoso papa S. Damaso (364-384), cuja historia está intimamente ligada á das catacumbas.

S. Damaso occupou-se com um cuidado especial dos cemiterios christãos. Compoz uma serie de inscripções, que mandou esculpir, por Dionisio Philocalus, em caracteres particulares e de uma perfeição unica. Estas inscripções eram collocadas junto dos tumulos dos martyres e dos pontifices mais notaveis.

Sabe-se, por tradição, que S. Damaso mandara preparar para elle e sua familia uma crypta nas proximidades das catacumbas de S. Callixto, mas estava-se reduzido a conjecturas sobre o sitio exacto onde ella se encontraria. Monsenhor Wilpert, um prelado allemão, que ha vinte annos se dedica especialmente ás necropoles christãs, acaba de descobrir essa crypta.

Encontra-se ella entre a via Appia e a Ardeatina, precisamente na região das catacumbas de Callixto, chamada cemiterio de Balbina. Muito vasta, a crypta é ornada de frescos e, num dos *cubiculi*, foi achado um fragmento de marmore funerario e uma inscripção reproduzida sobre a argamassa, onde se lê: **Hic Damasi mater posuit Lauren** *(tia membra)*. A epigraphe indica

tambem que Laurentia morreu aos 89 annos, teve quatro filhos e, viuva durante 60 annos, se consagrou a Deus.

Sabia-se que S. Damaso tinha sido enterrado com sua mãe e os antigos *Itenerarios* dizem tambem que o seu tumulo ficava perto da crypta dos martyres Marcos e Marcellino.

Assim foi descoberta a sepultura do pontifiçe que viu o triumpho definitivo do Christianismo, porque foi sob o seu pontificado que Theodosio publicou o celebre edicto, pelo qual abolia definitivamente o culto pagão em Roma.

OS

SANTOS ADVOGADOS

OS SANTOS ADVOGADOS

Deve figurar n'este livro o *catalogo* dos Santos a quem o povo portuguez, o que tem fé, recorre nas suas afflições e enfermidades. Na já mencionada *Revista Luzitana*, publicou em 1896 o sr. Antonio Thomaz Pires, n'um capitulo de *Tradições populares diversas*, uma nota consideravel de taes Santos, a qual, muito ampliada pelo auctor, em resultado de posteriores investigações, me é hoje, para este livro, amavelmente offerecida.

E' do theor seguinte:

a) *Mez de Janeiro:*

Dia 1 — Santo Alfredo, advogado contra a colica e contra a dôr de pedra.

Dia 3 — S. Genoveva, advogada contra a lepra.

Dia 6 — Ss. Gaspar, Belchior e Balthasar, advogados contra os accidentes epilepticos e contra os perigos de caminhos.

Dia 7 — S. Tillon, adv. contra as febres.

Dia 10 — S. Gonçalo de Amarante, advogado contra as dôres das pernas; casamenteiro das velhas e patrono dos tosadores.

Dia 15 — S. Amaro, advogado contra os achaques de pernas e braços.

Dia 17 — S. Antão, advogado contra a erysipela e patrono dos almocreves, atafoneiros e cordoeiros.

Dia 18 — S. Margarida de Hungria, advogada contra os males da garganta.

Dia 20 — S. Sebastião, advogado contra a peste, fome e guerra e patrono dos marceneiros. Padroeiro de Lamego.

Dia 22 — S. Vicente, advogado contra as bexigas e padroeiro de Lisboa, de Lamego e do Algarve. S. Anastacio, advogado contra as doenças de qualquer genero.

Dia 23 — S. Raymundo de Peñaforte, advogado contra as febres.

b) *Mez de Fevereiro:*

Dia 1 — S. Ignacio, advogado contra os males de coração.

Dia 2 — N. Senhora das Candeias, patrona dos alfaiates e dos hortelões.

Dia 3 — S. Braz, advogado contra as doenças de garganta.

Dia 5 — S. Agueda, advogada contra as dôres nos peitos e contra os incendios; o Beato Jacobo de Sales, advogado contra a asthma.

Dia 9 — S. Apolonia, advogada contra as dôres de dentes.

Dia 11 — S. Lazaro, advogado contra a lepra.

Dia 18 — S. Theotonio, padroeiro de Vizeu.

c) *Mez de Março:*

Dia 8 — S. João de Deus, advogado contra a lagarta.

Dia 10 — S. Job, advogado contra a lepra.

Dia 12 — S. Gregorio, advogado contra as dôres de estomago e de garganta.

Dia 15 — S. Zacharias, padroeiro de Alemquer.

Dia 19 — S. José, protector da Egreja e

advogado para alcançar de Deus boa morte; patrono dos carpinteiros e dos pedreiros.

Dia 21 — S. Bento, advogado contra as mordeduras de insectos venenosos e santo casamenteiro.

d) *Mez de Abril:*

Dia 2 — S. Francisco de Paula, advogado da successão masculina e de agua nos logares seccos.

Dia 5 — S. Vicente Ferrer, advogado contra as dôres de cabeça.

Dia 14 — S. Pedro Gonçalves Telmo, advogado contra os perigos do mar.

Dia 17 — S. Elias, advogado contra a estiagem,

Dia 23 — S. Jorge, defensor do Reino e patrono dos barbeiros e armeiros. Padroeiro de Bragança.

Dia 26 — S. Pedro de Rates, padroeiro de Braga.

Dia 29 — S. Pedro, martyr, advogado contra a pedra que destroe as sementeiras.

e) *Mez de Maio:*

Dia 1 — S. Segismundo, advogado contra as dôres quartãs.

Dia 2 — S. Flaminia, advogada contra as doenças d'olhos.

Dia 6 — S. João *ante portam latinam*, patrono dos livreiros.

Dia 16 — S. João Nepomuceno, advogado da boa fama. S. Ubaldo, advogado dos energumenos.

Dia 18 — S. Venancio, advogado contra as quedas.

Dia 21 — S. Manços, padroeiro de Evora.

Dia 22 — S. Quiteria, advogada contra as mordeduras de cães damnados. S. Ritta de Cassia, advogada dos impossiveis.

Dia 25 — N. Senhora da Encarnação, patrona dos esparteiros.

Dia 26 — S. Filippe Nery, advogado contra o mal dos olhos e dos ouvidos.

f) *Mez de Junho:*

Dia 3 — S. Ovidio, advogado contra o mal de ouvidos.

Dia 8 — S. Syria, advogada contra as febres.

Dia 11 — S. Onofre, advogado contra as febres.

Dia 12 — S. João de S. Facundio, advogado contra as discordias domesticas.

Dia 13 — S. Antonio, deparador das cou-

sas perdidas [1], advogado contra as tentações do demonio e santo casamenteiro.

Dia 15 — S. Abrahão, advogado contra o demasiado choro das creanças.

Dia 17 — S. Manuel e seus Irmãos advogado da paciencia.

Dia 18 — S. Calogero, advogado contra o mal das hernias e tentações do demonio.

Dia 24 — S. João Baptista, advogado contra as dôres de cabeça.

Dia 25 — S. Tude, advogado contra a tosse.

Dia 29 — S. Pedro, patrono dos curtidores e dos pastores.

Dia 30 — S. Marçal, advogado contra os incendios.

g) *Mez de Julho:*

Dia 4 — S. Isabel, padroeira de Coimbra.

Dia 5 — O Bemaventurado Miguel dos Santos, advogado contra os cancros e tumores.

Dia 16 — S. Sizenando, padroeiro de Beja.

Dia 22 — S. Platão, advogado e libertador de captivos.

---

[1] Tradição: «Crê-se que por ter perdido o breviario durante alguns dias.»

Dia 23 — S. Apollinario, advogado contra as quebraduras. S. Liborio, advogado contra a dôr de pedra.

Dia 25 — S. Christovão, advogado contra o fastio. S. Thiago, advogado contra os perigos da guerra; padroeiro de Coimbra e de Elvas.

Dia 27 — S. Pantaleão, padroeiro do Porto.

Dia 28 — S. Anna, advogada contra a esterilidade dos casados.

Dia 29 — S. Martha, advogada contra a lagarta e pulgão das vinhas.

Dia 31 — S. Ignacio de Loyola, advogado contra os partos perigosos.

h) *Mez de Agosto:*

Dia 4 — S. Domingos, advogado contra as febres.

Dia 7 — S. Alberto, advogado contra as sezões.

Dia 9 — S. Romão, advogado contra as mordeduras de cães damnados.

Dia 10 — S. Lourenço, patrono dos navegantes e advogado contra os incendios.

Dia 16 — S. Roque, advogado contra a peste.

Dia 17 — S. Mamede, advogado contra a falta de leite nas mulheres que criam.

Dia 24 — S. Bartholomeu, advogado contra o medo.

Dia 30 — S. Fiacrio, advogado contra os cancros.

i) *Mez de Setembro:*

Dia 8 — A Virgem Nossa Senhora, patrona dos cereeiros, S. Adrião, advogado contra a peste e quebraduras.

Dia 10 — S. Nicolau Tolentino, advogado contra as sezões terçãs.

Dia 12 — S. Justa, patrona dos oleiros.

Dia 24 — Nossa Senhora das Mercês, patrona dos pasteleiros.

Dia 29 — S. Miguel Archanjo, patrono dos boticarios e sombreireiros (1).

Dia 30 — S. Jeronymo, advogado contra os raios.

j) *Mez de Outubro:*

Dia 8 — S. Brigida, advogada contra as dôres de cabeça.

---

(1) Santo olhado pelos christãos como um dos genios tutelares da medicina. E é pelo mesmo motivo que em muitas pharmacias se costuma collocar a imagem de S. Miguel como patrono. (Vide *Archeologo Portuguez*).

Dia 10 — S. Francisco de Borja, advogado contra os terramotos e padroeiro do Reino e Conquistas.

Dia 13 — S. Eduardo, advogado contra a gotta coral e desmaios.

Dia 19 — S. Pedro d'Alcantara, advogado universal para conseguir o que lhe pedirem.

Dia 20 — S. João Cancio, advogado contra as febres. S. Iria, advogada de Santarem e

Dia 24 — S. Raphael Archanjo, advogado dos enfermos e caminhantes e contra as sezões.

Dia 25 — S. Crispim e S. Crispiniano, primitivos padroeiros de Lisboa e patronos dos sapateiros.

Dia 27 — S. Elesbão, advogado contra os perigos do mar.

Dia 31 — S. Quintino, advogado contra a surdez e mal de ouvidos.

k) *Mez de Novembro:*

Dia 3 — S. Clemente, advogado contra os naufragios.

Dia 4 — S. Carlos Borromeu, advogado contra a peste.

Dia 10 — S. André Avelino, advogado contra a apoplexia.

Dia 11 — S. Martinho, patrono dos bebedos.

Dia 24 — S. Romão, presbytero, advogado contra os perigos de agua.

l) *Mez de Dezembro:*

Dia 4 — S. Barbara, advogada contra trovões e raios e patrona dos artilheiros.

Dia 5 — S. Geraldo, padroeiro de Braga.

Dia 9 — S. Nicolau, advogado das donzellas pobres e desamparadas.

Dia 8 — N. Senhora da Conceição, padroeira do Reino e Conquistas e patrona dos correeiros. Padroeira de Elvas.

Dia 11 — S, Damaso, padroeiro de Guimarães.

Dia 13 — S. Luzia, advogada contra as doenças de olhos.

Dia 21 — S. Thomé, padroeiro da India.

Dia 23 — S. Servulo, advogado contra a paralysia.

Dia 29 — S. João, apostolo e evangelista, advogado contra o veneno e patrono dos typographos.

Dia 31 — S. Silvestre, advogado contra os perigos de caminhos.

FIM

766005

BX4706
V355
Cop. 2

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY